

Frans de Waal

# O último abraço da matriarca

As emoções dos animais e o que elas  
revelam sobre nós

*Com fotografias e desenhos do autor*

Tradução:  
Pedro Maia



## Introdução

OBSERVAR COMPORTAMENTOS É uma coisa que me acontece de forma tão natural que posso estar abusando. Eu não percebia isso até o dia em que cheguei em casa e contei para minha mãe uma cena que vira num ônibus municipal. Eu devia ter doze anos. Um garoto e uma garota estavam se beijando de um jeito indecoroso que eu não conseguia entender, mas que é típico dos adolescentes, com as bocas abertas úmidas apertadas uma contra a outra. Isso por si só não era nada especial, mas então notei que depois do beijo a garota estava mascando chicletes, enquanto antes dele eu vira somente o garoto mastigando. Fiquei intrigado, e em seguida saquei: era como o princípio dos vasos comunicantes. Quando contei para minha mãe, ela não ficou nada animada. Com expressão preocupada, me mandou parar de prestar atenção nos outros, dizendo que não era uma coisa muito bonita de se fazer.

Observar é agora minha profissão. Mas não espere que eu note a cor de um vestido ou se um homem usa peruca — essas coisas não me interessam nem um pouco. Em vez disso, concentro-me nas expressões emocionais, na linguagem corporal e na dinâmica social. Elas são tão semelhantes entre os seres humanos e os outros primatas que minha habilidade se aplica igualmente a ambos, embora meu trabalho diga respeito principalmente aos segundos. Quando eu era estudante, trabalhava numa sala com vista para a colônia de chimpanzés de um zoológico, e como pesquisador do Centro Nacional Yerkes de Pesquisas sobre Primatas, perto de Atlanta, na Geórgia, tenho desfrutado de



situação parecida nos últimos 25 anos. Meus chimpanzés vivem ao ar livre numa estação de campo e às vezes entram em agitação, causando tamanho tumulto que corremos até a janela para assistir ao espetáculo. O que a maioria das pessoas verá como o alvoroço caótico de vinte feras peludas correndo, gritando e berrando é, na verdade, uma sociedade altamente organizada. Reconhecemos cada símio\* pelo rosto, até mesmo apenas pela voz, e sabemos o que esperar. Sem o reconhecimento de padrões, a observação fica sem foco, é aleatória. Seria como assistirmos a um esporte que nunca jogamos e sobre o qual não sabemos muita coisa. Basicamente, não vemos nada. É por isso que não suporto a cobertura de futebol das TVs americanas: a maioria dos narradores não conhece nada do jogo e não consegue entender suas estratégias fundamentais. Eles só têm olhos para a bola e continuam a tagarelar durante os momentos mais cruciais. É o que acontece quando nos falta reconhecimento dos padrões.

Olhar para além da cena central é importantíssimo. Se um chimpanzé macho intimida outro atirando pedras ou passando correndo perto dele, é preciso desviar os olhos deliberadamente para examinar o entorno, onde surgem novos desdobramentos. Chamo isso de observação holística: considerar o contexto mais amplo. O melhor amigo do macho ameaçado estar dormindo num canto não significa que podemos ignorá-lo. Assim que ele acorda e caminha em direção à cena, toda a colônia sabe que as coisas estão prestes a mudar. Uma fêmea guincha alto para anunciar a mudança, enquanto as mães agarram seus filhotes com mais força.

E, depois que a comoção diminui, você não dá as costas e se afasta. Você mantém os olhos nos atores principais — eles ainda não terminaram. Dentre as milhares de reconciliações que testemunhei, uma das primeiras me pegou de surpresa. Pouco depois de um confronto, dois machos rivais andaram eretos, sobre as duas pernas, um em direção



ao outro, com os pelos totalmente eriçados, ou seja, fazendo com que parecessem ter o dobro do tamanho normal. O contato visual entre eles parecia tão feroz que esperei o renascimento das hostilidades. Mas, quando chegaram perto um do outro, um deles se virou de repente e deu as costas. O outro reagiu catando\*\* os pelos ao redor do ânus do primeiro macho, estalando ruidosamente os lábios e os dentes para indicar sua dedicação à tarefa. O primeiro macho queria fazer o mesmo, de modo que eles acabaram num 69 desajeitado, o que permitiu que cada um catasse o rabo do outro ao mesmo tempo. Logo depois, relaxaram e se viraram para catar o rosto um do outro. Restaurou-se a paz.



Nas reconciliações após brigas, os chimpanzés machos ficam ansiosos para catar o traseiro do rival, o que pode levar a uma posição desajeitada de 69 se ambos resolverem fazer isso ao mesmo tempo.



O ponto de partida da catação pode parecer estranho, mas lembre-se de que o inglês (assim como muitas outras línguas) tem expressões como *brown-nosing* e *ass-licking*.\*\*\* Tenho certeza de que há um bom motivo para isso. Entre os seres humanos, o medo intenso pode causar vômitos e diarreia — dizemos que “cagamos nas calças” quando estamos assustados. Isso também é comum nos símios (as calças não). Excreções corporais fornecem informações importantes. Muito tempo depois do término de uma escaramuça, pode-se ver um chimpanzé macho ir casualmente até o local exato da relva onde seu rival estava sentado apenas para se abaixar e dar uma cheirada. Embora a visão seja um sentido tão dominante nos chimpanzés quanto entre nós, o olfato é importantíssimo. Também em nossa espécie, como filmagens ocultas demonstraram, depois de apertarmos as mãos de outra pessoa, em especial de alguém do mesmo sexo, muitas vezes cheiramos nossa própria mão. Nós a levamos até perto do rosto para captar um odor químico que nos informa sobre a disposição do outro. Fazemos isso inconscientemente, como fazemos tantas coisas que lembram o comportamento de outros primatas. No entanto, gostamos de nos ver como atores racionais que sabem o que estão fazendo, enquanto retratamos outras espécies como autômatos. Não é tão simples assim.

Estamos sempre em contato com nossos sentimentos, mas a parte complicada é que nossas emoções e nossos sentimentos não são a mesma coisa. Tendemos a confundi-los, mas sentimentos são estados subjetivos internos que, falando em sentido estrito, são conhecidos apenas por aqueles que os possuem. Conheço meus sentimentos, mas não conheço os seus, exceto pelo que você me conta sobre eles. Nós nos comunicamos sobre nossos sentimentos pela linguagem. Emoções, por outro lado, são estados corporais e mentais — a raiva e o medo, até o desejo sexual e a afeição, bem como a busca de vantagens — que movem o comportamento. Desencadeadas por certos estímulos e



acompanhadas de mudanças comportamentais, as emoções são detectáveis externamente na expressão facial, na cor da pele, no timbre da voz, nos gestos, no odor e assim por diante. Somente quando a pessoa que experimenta essas mudanças toma consciência delas é que elas se tornam sentimentos, que são experiências conscientes. Mostramos nossas emoções, mas falamos sobre nossos sentimentos.

Consideremos uma reconciliação, ou um reencontro amigável após um confronto. A reconciliação é uma interação emocional mensurável: para detectá-la, o observador precisa de paciência para ver o que acontece entre antigos antagonistas. Mas os sentimentos que acompanham uma reconciliação — contrição, perdão, alívio — só podem ser conhecidos por quem os experimenta. Você pode suspeitar que os outros têm os mesmos sentimentos que você, mas não pode ter certeza, mesmo em relação aos membros de sua própria espécie. Alguém pode alegar que perdoou outra pessoa, por exemplo, mas podemos confiar nessa informação? Com grande frequência, apesar do que nos disseram, as pessoas mencionam a afronta em questão na primeira oportunidade que têm. Conhecemos nossos próprios estados interiores de maneira imperfeita e muitas vezes enganamos a nós mesmos e àqueles que nos rodeiam. Somos mestres da felicidade fingida, do medo reprimido e do amor equivocado. É por isso que fico contente por trabalhar com criaturas que não falam. Sou forçado a adivinhar seus sentimentos, mas pelo menos elas nunca me levam para o rumo errado pelo que me dizem sobre si próprias.

O estudo da psicologia humana baseia-se geralmente no uso de questionários, carregados de sentimentos relatados pelo entrevistado e fracos em termos de comportamento real. Mas eu sou a favor do contrário. Precisamos de mais observações acerca dos temas sociais verdadeiramente humanos. Como exemplo simples, menciono uma grande conferência na Itália, da qual participei há muitos anos, quando



ainda era um cientista iniciante. Estando lá para falar sobre como os primatas resolvem conflitos, não tinha imaginado ver um perfeito exemplo humano em exibição. Um determinado cientista estava agindo de uma forma que eu nunca tinha visto antes e raramente vi desde então. Talvez aquilo fosse a combinação entre ser famoso e anglófono. Nas reuniões internacionais, norte-americanos e ingleses frequentemente confundem o extraordinário privilégio de poder falar em sua língua materna com superioridade intelectual. Uma vez que ninguém vai discordar deles num inglês capenga, raramente se desiludem quanto a isso.

Havia todo um programa de palestras, e após cada uma delas nosso famoso cientista de língua inglesa saltava de sua cadeira na primeira fila para nos ajudar a entender o trabalho. Por exemplo, logo depois que uma palestrante italiana terminou de apresentar seu trabalho, quando os aplausos ainda ressoavam, esse cientista levantou-se, subiu ao tablado, pegou o microfone da oradora e disse literalmente: “O que ela quis dizer, na verdade, [...]”. Não me lembro mais do tema, mas a italiana fez uma careta. Foi difícil não perceber a arrogância e o desrespeito desse homem por ela, no que agora é chamado de *mansplaining*.

A maioria das pessoas da plateia estava ouvindo através de um serviço de tradução; na verdade, a conexão linguística atrasada pode tê-las ajudado a perceber o comportamento dele, da mesma forma que somos melhores em ler a linguagem corporal num debate televisionado quando o som é desligado. O público começou a assobiar e vaiar.

A expressão de surpresa no rosto do nosso famoso cientista mostrou o quanto ele havia avaliado mal a recepção de sua tomada de poder. Até então, ele achava que estava indo às mil maravilhas. Aturdido e talvez humilhado, desceu rapidamente do tablado.

Mantive meus olhos nele e na palestrante italiana quando eles se sentaram na plateia. Dentro de quinze minutos, ele se aproximou dela e



lhe ofereceu seu dispositivo de tradução, já que ela não tinha um. Ela aceitou educadamente (talvez sem realmente precisar do aparelho), o que conta como uma oferta implícita de paz. Digo “implícita” porque não houve sinal de que eles tenham mencionado o momento embaraçoso anterior. Os seres humanos muitas vezes sinalizam boas intenções (um sorriso, um elogio) depois de um confronto e deixam por isso mesmo. Eu não conseguia acompanhar o que eles estavam dizendo, mas outra pessoa me contou que, depois que todas as palestras terminaram, o cientista se aproximou da palestrante uma segunda vez e disse a ela: “Eu me comportei como um perfeito idiota”. Essa admirável pitada de autoconhecimento chegou perto de uma reconciliação explícita.

Apesar da onipresença da resolução de conflitos humanos e de seu fascinante desdobramento na conferência, minha palestra teve uma recepção confusa. Eu estava apenas começando meus estudos e a ciência ainda não estava pronta para a ideia de que outras espécies praticam a reconciliação. Não creio que alguém tenha duvidado de minhas observações — forneci muitos dados e fotografias para justificar minha afirmação —, mas simplesmente não se sabia o que fazer com elas. Na época, as teorias sobre o conflito animal se concentravam em ganhar e perder. Ganhar é bom, perder é ruim, e tudo o que importa é quem obtém os recursos. Na década de 1970, a ciência via os animais como hobbesianos: violentos, competitivos, egoístas e nunca genuinamente gentis. Minha ênfase na pacificação não fazia sentido. Além disso, o termo soava emocional, o que não era bem-visto. Alguns colegas adotaram uma abordagem paternalista, explicando que eu me apaixonara por uma noção romântica que não pertencia à ciência. Eu ainda era muito jovem, e eles me passaram aquele sermão de que tudo na natureza gira em torno de sobrevivência e reprodução, e que nenhum organismo iria muito longe com a pacificação. O acordo é para



os fracos. Mesmo que os chimpanzés mostrassem esse tipo de comportamento, disseram eles, é duvidoso que precisassem de fato dele. E certamente nenhuma outra espécie fazia o mesmo. Eu estava estudando um acaso feliz.

Várias décadas e centenas de estudos depois, sabemos que a reconciliação é um fato comum e generalizado. Ocorre entre todos os mamíferos sociais, desde ratos e golfinhos até lobos e elefantes, e também entre as aves. Esse comportamento serve para o reparo da relação, tanto que, se hoje descobríssemos um mamífero social que *não* se reconciliasse após as lutas, ficaríamos surpresos. Nós nos perguntaríamos como eles mantêm sua sociedade unida. Mas na época eu não sabia disso, e educadamente ouvi todos os conselhos gratuitos. Eles não mudaram minha opinião, porém, porque para mim a observação supera qualquer teoria. O que os animais fazem na vida real sempre tem prioridade sobre noções preconcebidas a respeito de como eles devem se comportar. Quando se é um observador nato, é isto que se obtém: uma abordagem indutiva da ciência.

Da mesma forma, se observarmos, como Charles Darwin fez em *A expressão das emoções no homem e nos animais*, que outros primatas empregam expressões faciais semelhantes às dos seres humanos em situações emocionalmente carregadas, não podemos nos esquivar das semelhanças em suas vidas interiores. Eles mostram os dentes num sorriso, produzem sons roucos de risadinhas quando sentem cócegas e fazem beicinho quando estão frustrados. Isso se torna automaticamente o ponto de partida de nossas teorias. Podemos ter a opinião que quisermos sobre as emoções dos animais ou sobre a ausência delas, mas devemos criar um marco dentro do qual faça sentido o fato de que os seres humanos e outros primatas comunicam suas reações e intenções por meio da mesma musculatura facial. Darwin naturalmente fez isso,



supondo uma continuidade emocional entre os seres humanos e outras espécies.

No entanto, existe um mundo de diferenças entre o comportamento que expressa emoções e a experiência consciente ou inconsciente desses estados. Quem afirma saber o que os animais sentem não tem a ciência do seu lado. Isso continua a ser conjectura. Não é necessariamente ruim, e sou totalmente favorável a *supor* que as espécies relacionadas conosco têm sentimentos correlatos, mas não devemos esquecer o salto de fé que isso exige de nós. Mesmo quando lhe digo que o último abraço da matriarca foi o abraço entre uma velha chimpanzé e um velho professor alguns dias antes da morte do animal, não posso incluir os sentimentos dela em minha descrição. O comportamento familiar, assim como seu contexto pungente, sugere os sentimentos, mas eles continuam inacessíveis. Essa incerteza sempre atormentou os estudiosos das emoções, e é a razão pela qual muitas vezes se considera esse campo obscuro e confuso.

A ciência não gosta de imprecisões, e é por isso que, quando se trata de emoções animais, ela muitas vezes está em desacordo com as opiniões do público em geral. Pergunte ao homem ou à mulher na rua se os animais têm emoções, e eles responderão “Claro!”. Eles sabem que seus cães e gatos têm todo tipo de emoção, e, por extensão, também a concedem a outros animais. Mas faça a mesma pergunta aos professores de uma universidade, e muitos coçarão a cabeça, ficarão perplexos e perguntarão o que exatamente você quer dizer. Como você *define* emoções? Eles podem seguir B. F. Skinner, o behaviorista norte-americano que promoveu uma visão mecanicista dos animais, descartando as emoções como “excelentes exemplos das causas fictícias a que comumente atribuímos o comportamento”.<sup>1</sup> É verdade que hoje é difícil encontrar um cientista que negue as emoções dos animais, mas muitos sentem-se desconfortáveis para falar sobre elas.



O leitor que se sente insultado, em nome dos animais, por quem duvida da existência de vida emocional entre eles deve ter em mente que, sem a investigação típica da ciência, ainda acreditaríamos que a Terra é plana ou que as larvas rastejam espontaneamente para fora da carne apodrecida. A ciência está em sua melhor forma quando questiona preconceitos comuns. E, embora eu não concorde com a visão cética acerca das emoções animais, também acho que afirmar sua existência é como dizer que o céu é azul. Isso não nos leva muito longe. Precisamos saber mais. Que tipos de emoção? Como elas são sentidas? Para que servem? O medo é presumivelmente sentido por um peixe do mesmo modo que por um cavalo? Impressões não são suficientes para responder a essas perguntas. Veja como estudamos a vida interior de nossa própria espécie. Levamos os seres humanos para uma sala onde eles assistem a vídeos ou jogam enquanto estão conectados a equipamentos que medem o ritmo cardíaco, a resposta galvânica da pele, as contrações dos músculos faciais e assim por diante. Também escaneamos seus cérebros. Precisamos ter o mesmo olhar detalhado para outras espécies.

Eu adoro seguir primatas selvagens, e ao longo dos anos visitei grande número de sítios de observação em cantos distantes da Terra, mas há um limite para o que eu ou qualquer outra pessoa pode aprender com isso. Em um dos momentos mais emocionantes que já presenciei, chimpanzés selvagens, no alto das árvores, explodiram repentinamente em guinchos e gritos horripilantes; os chimpanzés estão entre os animais mais barulhentos do mundo, e meu coração estancou sem saber a causa da comoção. Acontece que eles haviam capturado um desafortunado macaco e deixavam poucas dúvidas sobre o quanto valorizavam sua carne. Enquanto eu observava os chimpanzés se aglomerarem em torno do possuidor da carcaça e do banquete, perguntei-me se ele os compartilhava com os outros porque tinha mais do que o suficiente para comer e nem ligava, ou porque queria se livrar de todos aqueles



pedintes que não paravam de choramingar enquanto tocavam delicadamente cada pedacinho que ele punha na boca. Ou talvez, como terceira possibilidade, o compartilhamento fosse altruísta, baseado no quanto ele sabia que os outros queriam um pedaço. Só olhando não há como ter certeza. Precisaríamos mudar o estado de fome do dono da refeição, ou tornar mais difícil para os outros implorarem. Ele ainda seria tão generoso? Apenas um experimento controlado nos permitiria descobrir os motivos por trás de seu comportamento.

Isso funcionou muito bem em estudos sobre inteligência. Hoje ousamos falar da vida mental dos animais, somente após um século de experimentos sobre comunicação simbólica, reconhecimento de si mesmo no espelho, uso de ferramentas, planejamento para o futuro e adoção do ponto de vista de outro animal. Esses estudos abalaram a parede que supostamente separa os seres humanos do resto do reino animal. Podemos esperar que o mesmo aconteça em relação às emoções, mas somente se adotarmos uma abordagem sistemática. O ideal seria usar as descobertas de laboratório e as de campo, juntando-as como peças de um mesmo quebra-cabeça.

As emoções podem ser incertas, mas também são, de longe, o aspecto mais evidente de nossas vidas. Elas dão significado a tudo. Nos experimentos, as pessoas se lembram muito melhor de imagens e histórias carregadas de emoções que das neutras. Gostamos de descrever quase tudo o que fizemos ou estamos prestes a fazer em termos emocionais. Um casamento é romântico ou festivo, um funeral é cheio de lágrimas, um jogo pode ser muito divertido ou uma decepção, dependendo do resultado.

Temos o mesmo viés quando se trata de animais. Um vídeo de um macaco-prego selvagem quebrando castanhas com pedras terá muito menos visualizações do que o de um rebanho de búfalos protegendo um filhote contra leões: os ungulados levantam os predadores com os



chifres, enquanto o filhote se liberta das garras. Ambos os vídeos impressionam e são interessantes, mas só o segundo toca nossos corações. Nós nos identificamos com o filhote, ouvimos seu bramido e ficamos encantados com o reencontro com a mãe. Esquecemos convenientemente que, para os leões, não há nada de feliz nesse resultado.

Esse é outro aspecto das emoções: elas nos fazem tomar partido.

Temos profundo interesse pelas emoções, mas não é só isso; elas também estruturam nossas sociedades num grau que raramente reconhecemos. Por que os políticos buscam um cargo mais alto, se não pela fome de poder que marca todos os primatas? Por que você se preocuparia com sua família se não fosse pelos laços emocionais que unem pais e filhos? Por que aboliríamos a escravidão e o trabalho infantil se não fosse pela decência humana baseada na conexão social e na empatia? Para explicar sua oposição ao escravismo, Abraham Lincoln mencionou especificamente a visão lamentável de escravos acorrentados que presenciara em viagens pelo sul. Nossos sistemas judiciários canalizam sentimentos de rancor e vingança para uma punição justa, e nossos sistemas de saúde têm suas raízes na compaixão. Os hospitais (do latim *hospitālis* ou “acolhedor”) começaram como instituições religiosas de caridade dirigidas por freiras, só mais tarde se tornaram entidades seculares operadas por profissionais. Na verdade, todas as nossas instituições e realizações mais queridas estão intimamente entrelaçadas às emoções humanas e não existiriam sem elas.

Essa percepção me faz ver as emoções dos animais sob um prisma diferente: não como um tópico a ser contemplado por si mesmo, mas como algo capaz de lançar luz sobre nossa própria existência, nossos objetivos e sonhos, e sobre nossas sociedades altamente estruturadas. Tendo em vista minha especialização, naturalmente presto mais atenção aos nossos colegas primatas, mas não porque acredite que suas emoções



sejam inerentemente mais dignas de atenção. Os primatas expressam-se de um modo mais parecido conosco, porém as emoções estão em toda parte no reino animal, de peixes a aves, insetos e até moluscos mal-humorados como o polvo.

Eu raramente irei me referir a outras espécies como “outros animais” ou “animais não humanos”. Para simplificar, vou chamá-los principalmente de “animais”, embora, para mim, como biólogo, nada seja mais evidente do que o fato de pertencermos ao mesmo reino. Nós *somos* animais. Uma vez que não vejo nossa própria espécie como emocionalmente muito diferente dos outros mamíferos — e, na verdade, seria difícil identificar emoções exclusivamente humanas —, creio ser melhor prestar atenção detalhada ao contexto emocional que compartilhamos com nossos companheiros de viagem neste planeta.

---

\* Traduziu-se a palavra *ape* por “símio” ou “grande primata”, designando os grandes primatas não humanos (gibões, orangotangos, gorilas, chimpanzés e bonobos). (N. T.)

\*\* Catação (*grooming*, em inglês) é a prática social dos símios de limpar, alisar, catar pequenos ectoparasitas (pulgas, carrapatos etc.) e acariciar os pelos do corpo de seus companheiros de bando. (N. T.)

\*\*\* Variações para “puxar o saco” que significam literalmente “deixar o nariz marrom” e “lamber a bunda”. (N. T.)



# 1. O último abraço de Mama

## *O adeus de uma matriarca chimpanzé*

UM MÊS ANTES DE MAMA completar 59 anos, e dois meses antes do octogésimo aniversário de Jan van Hooff, esses dois hominídeos idosos tiveram um reencontro comovente. Mama, emaciada e quase morta, estava entre os chimpanzés mais antigos dos zoológicos do mundo. Jan, com seus cabelos brancos destacando-se contra um capote de chuva vermelho-claro, é o professor de biologia que orientou minha dissertação há muito tempo. Os dois se conheciam havia mais de quarenta anos.

Enrodilhada em posição fetal em seu ninho de palha, Mama nem sequer olha para cima quando Jan, que entrara corajosamente na jaula noturna, se aproxima com alguns grunhidos amigáveis. Quem trabalha com símios costuma imitar os sons e gestos típicos deles: grunhidos suaves são tranquilizadores. Quando Mama finalmente acorda de sua letargia, leva um segundo para perceber o que está acontecendo. Mas então ela expressa imensa alegria ao ver Jan de perto, em carne e osso. Seu rosto se transforma num sorriso de êxtase, muito mais expansivo do que o típico de nossa espécie. Os lábios dos chimpanzés são incrivelmente flexíveis e podem virar do avesso, de modo que vemos não apenas os dentes e as gengivas de Mama, mas também o lado interno dos lábios. Metade do rosto de Mama é um enorme sorriso enquanto ela uiva, emitindo um som suave e agudo reservado para momentos de emoção intensa. Nesse caso, a emoção é claramente positiva, porque ela estende as mãos para a cabeça de Jan enquanto ele



se inclina. Ela acaricia gentilmente seu cabelo, depois coloca um de seus longos braços em torno do pescoço dele para puxá-lo para mais perto. Durante esse abraço, seus dedos batem ritmicamente na parte de trás da cabeça e do pescoço dele, num gesto reconfortante que os chimpanzés também usam para acalmar um bebê que choraminga.

Isso era típico de Mama: ela deve ter percebido a apreensão de Jan ao invadir seu domínio e estava dizendo para ele não se preocupar. Estava feliz em vê-lo.



Em 2016, Jan van Hooff fez sua última visita a Mama, uma velha matriarca chimpanzé, em seu leito de morte, no Zoológico Burgers. Mama abriu um enorme sorriso enquanto abraçava o professor, que ela conhecia havia quarenta anos. Ela morreu poucas semanas depois.

## Reconhecendo a nós mesmos



O encontro foi absolutamente excepcional. Embora, no decorrer de suas vidas, Jan e Mama tivessem tido incontáveis sessões de catação através das grades, nenhum ser humano em sã consciência entraria numa jaula com um chimpanzé adulto. Os chimpanzés não parecem grandes para nós, mas sua força muscular excede em muito a nossa, e abundam relatos de ataques horríveis. Até o maior lutador profissional humano ficaria aquém da força de um chimpanzé adulto. Quando lhe perguntei se teria feito o mesmo com qualquer outro chimpanzé no zoológico, alguns dos quais ele conhecia há quase tanto tempo quanto, Jan disse que era muito apegado à vida para pensar nisso. Os chimpanzés são tão volúveis que os únicos seres humanos que estão seguros em sua presença são aqueles que os criaram, algo que não se aplicava a Jan e Mama. Mas, com ela tão fraca, a equação mudava. Além disso, ela havia manifestado sentimentos positivos em relação a Jan tantas vezes no passado que ambos passaram a confiar um no outro. Isso dera coragem a Jan para seu primeiro e último encontro direto com a velha rainha da colônia no Zoológico Burgers, em Arnhem, Holanda.

Ao longo dos anos, desfrutei de um relacionamento semelhante com Mama. Eu lhe dei esse nome justamente por causa de sua posição matriarcal. Mas, como agora vivo do outro lado do Atlântico, não pude participar da despedida. Alguns meses antes, eu estivera com Mama pela última vez. Ao ver meu rosto a uma grande distância entre o público, ela se apressou para me saudar, apesar do andar doloroso provocado pela artrite. Mama se aproximou do fosso de água que nos separava soltando guinchos e grunhidos, enquanto esticava a mão, convidativa. Os chimpanzés vivem numa ilha arborizada — o maior ambiente desse tipo em qualquer zoológico — onde eu os observara por cerca de 10 mil horas quando era um jovem pesquisador. Mama sabia que, no final do dia, quando os símios estivessem recolhidos, eu iria até sua jaula noturna para uma conversa de perto.



Equipes de filmagem exploraram muitas vezes a previsibilidade de nossas saudações. Antes da minha chegada, elas ficavam de prontidão com as câmeras ligadas. Toda a colônia não suspeitava do que estava por vir, e alguém apontava para Mama a fim de ter certeza de que as câmeras manteriam o foco sobre ela. Invariavelmente ela estava sentada, à vontade, catando-se ou dormindo, e de repente me notava ou ouvia minha voz quando eu a chamava, saltava e corria para a frente com grunhidos altos e ofegantes. A equipe filmava tudo, junto com minhas reações e as de outros chimpanzés, alguns dos quais também se lembravam de mim. E as pessoas sempre ficavam impressionadas com a memória e o entusiasmo de Mama.

Devo dizer que tenho sentimentos contraditórios a respeito desses procedimentos de filmagem. Antes de mais nada, eles desmerecem um reencontro genuíno entre velhos amigos. Em segundo lugar, não consigo ver o que é tão impressionante nisso. Quem conhece os chimpanzés percebe que eles têm um excelente reconhecimento facial e memória duradoura; então, o que há de tão especial em saber que Mama está contente em me ver? É porque não esperamos isso de um animal exótico? Ou será porque indica um vínculo entre membros de diferentes espécies de primatas? Seria como se eu visitasse meus vizinhos depois de um ano no exterior e toda uma equipe de câmeras me seguisse para ver o que aconteceria. Depois que eu tocasse a campainha, a porta se abriria aos gritos de “Olhem quem chegou!”.

Quem ficaria espantado?

O fato de ficarmos impressionados porque Mama se lembra de mim é um sinal do pouco crédito que a humanidade dá às capacidades emocional e mental dos animais. Os estudiosos da inteligência animal em espécies de cérebros grandes estão acostumados a ouvir um monte de comentários céticos de outros cientistas, especialmente daqueles que trabalham com animais de cérebros menores, como ratos e pombos.



Esses pesquisadores costumam ver os animais como máquinas de estímulo-resposta impulsionadas pelo instinto e pelo aprendizado simples, e não suportam toda essa conversa sobre pensamentos, sentimentos e memórias prolongadas. O fato de suas concepções estarem desatualizadas é o tema do meu último livro: *Are We Smart Enough to Know How Smart Animals Are?* [Somos inteligentes o bastante para saber como os animais são inteligentes?].

O encontro de Jan com Mama foi gravado num telefone celular.<sup>1</sup> Quando foi exibido na televisão nacional holandesa, com locução na voz trêmula do próprio Jan (pelas emoções do momento), os espectadores de um programa popular de entrevistas ficaram extremamente comovidos. Eles postaram longos comentários no site da rede ou escreveram diretamente para Jan, declarando que haviam irrompido em lágrimas diante dos aparelhos de TV. Ficaram arrasados, em parte pelo triste contexto — porque a morte de Mama já fora anunciada —, mas também pela maneira muito humana com que ela abraçara Jan enquanto tamborilava os dedos em seu pescoço. Essa última cena foi um choque para muitas pessoas, que reconheceram seu próprio comportamento. Pela primeira vez, elas perceberam que um gesto que parece essencialmente humano é, na verdade, um padrão geral dos primatas. Muitas vezes, é nas pequenas coisas que vemos melhor as conexões evolutivas. A propósito, essas conexões se aplicam a 90% das expressões humanas, desde a maneira como alguns pelos do nosso corpo ficam eriçados quando nos assustamos (arrepios) até o modo como homens e chimpanzés machos dão tapas nas costas uns dos outros de forma enérgica. Podemos ver esse contato vigoroso todas as primaveras, quando os chimpanzés emergem de seus abrigos depois de um longo inverno. Finalmente aproveitando a relva e o sol, eles ficam em pequenos grupos, gritam, se abraçam e batem nas costas uns dos outros.

Em outras ocasiões, reagimos às nossas óbvias ligações evolutivas



com os símios com escárnio (os visitantes do zoológico costumam imitar a maneira como eles acreditam que os macacos se coçam) ou chacota. Adoramos rir de nossos companheiros primatas. Durante minhas palestras, com frequência mostro vídeos de macacos e grandes primatas em ação, e meu público morre de rir de quase tudo, até do comportamento perfeitamente normal. A risada é um sinal de reconhecimento, mas também de inquietação com a proximidade desconfortável. Um dos meus vídeos curtos mais populares, visualizado milhões de vezes na internet, mostra uma fêmea de macaco-prego chateada porque a comida que recebe para realizar certa tarefa é menos atraente que a comida de seu companheiro. Ela sacode a câmara de teste e bate no chão, de tal modo agitada que não temos problemas em reconhecer sua frustração com a injustiça percebida.

Pior que a hilaridade é o nojo com que se costumava reagir ante outros primatas. Felizmente isso se tornou raro, embora as pessoas ainda chamem os primatas de “feios” e fiquem chocadas quando digo que um macho é “bonito” ou uma fêmea é “bonita”. Antigamente, os ocidentais nunca viam símios vivos, apenas seus ossos e peles, ou então gravuras deles, nossos parentes mais próximos. Quando os primeiros grandes símios foram exibidos, ninguém podia acreditar no que via. Em 1835, um chimpanzé macho chegou ao Zoológico de Londres e foi apresentado vestindo um traje de marinheiro. Veio em seguida uma fêmea de orangotango, que enfiaram num vestido. A rainha Vitória foi à exposição e ficou horrorizada. Ela não suportou a visão dos símios, dizendo que eles eram dolorosa e desagradavelmente humanos. O nojo diante dos símios era de fato generalizado, mas como isso podia acontecer, a menos que eles estivessem nos dizendo algo sobre nós mesmos que não queríamos ouvir? Quando visitou os grandes primatas no Zoológico de Londres, o jovem Charles Darwin compartilhou da conclusão da rainha, mas não de sua repulsa. Ele achou que quem



estivesse convencido da superioridade humana deveria dar uma olhada naquilo.

Provavelmente todas essas variadas reações foram desencadeadas quando Jan explicou na televisão que Mama era muito especial e por que a visitara no leito de morte. Ele mesmo, no entanto, não via nada de chocante, engraçado ou surpreendente no encontro. Simplesmente sentira necessidade de se despedir dela. Também não era um caso assimétrico, como quando as pessoas encontram um urso, elefante ou baleia, se aproximam e dizem que se sentem como o animal. Os seres humanos em tais situações experimentam uma conexão irresistível e ficam profundamente comovidos, mas é duvidoso que esses sentimentos sejam mútuos. Os encontros são quase como um “pacto de suicídio”, porque põem os seres humanos em risco, e poucas vezes se pode culpar os animais por algum resultado fatal.

Um jornalista estava tão encantado com um chimpanzé macho num santuário que, quando encarou o macaco, questionou sua própria identidade: sentiu-se olhando diretamente para seu passado evolutivo perdido. Em seu desejo de mostrar respeito, no entanto, acabou sendo condescendente. Os símios subsistentes não são apenas máquinas do tempo para nos mostrar nossas próprias origens evolutivas! Embora seja verdade que descendemos de um ancestral simiesco, a espécie antiga que nos deu origem não existe mais. Ela habitou a Terra há cerca de 6 milhões de anos, seus descendentes passaram por inúmeras mudanças e morreram um a um antes de dar origem aos sobreviventes de hoje: o chimpanzé, o bonobo e nossa própria espécie. Como esses três homínidos têm histórias igualmente longas, eles são igualmente “evoluídos”. Então, olhar para um símio revela uma história compartilhada não apenas por nós, mas também pelo símio que nos olha. Se os símios são máquinas do tempo para nós, então somos a mesma coisa para eles.



Com Jan e Mama, no entanto, nenhuma dessas considerações entrou em jogo. O fato de pertencerem a diferentes espécies era secundário. No caso deles, tratava-se de um encontro entre dois membros de espécies relacionadas que se conheciam há muito tempo e se respeitavam como indivíduos. Podemos nos sentir mentalmente superiores quando acariciamos um coelho ou passeamos com um cachorro, mas quando se trata de símios, acho que é impossível manter essa atitude. A vida socioemocional deles se parece a tal ponto com a nossa que não está claro onde traçar a linha divisória.

Donald Hebb, o neurocientista canadense conhecido como o pai da neuropsicologia, observou esse limite impreciso quando estudou os chimpanzés no Centro Nacional Yerkes de Pesquisas sobre Primatas (agora nos arredores de Atlanta, mas na década de 1940 localizava-se na Flórida). Ele concluiu que o comportamento dos chimpanzés não cabia nas pequenas caixas de definição em que colocamos outros comportamentos animais, como alimentação, higiene, acasalamento, luta, vocalização, gestos e assim por diante. Gostamos de anotar cada pequena coisa que os símios fazem, mas o que está por trás de seu comportamento é difícil de identificar. De acordo com Hebb, seria muito melhor se classificássemos o comportamento dos símios no nível emocional, o qual compreendemos intuitivamente: “A classificação objetiva deixou escapar algo que as categorias mal definidas de emoção e similares evitaram — alguma ordem ou relação entre atos isolados que é essencial para a compreensão do comportamento”.<sup>2</sup>

Hebb aludia à concepção predominante na biologia de que as emoções orquestram o comportamento. Tomadas em si mesmas, as emoções são bastante inúteis: simplesmente ter medo não faz nenhum bem ao organismo. Mas, se um estado de medo força o organismo a fugir, se esconder ou contra-atacar, ele pode salvar sua vida. Em suma, as emoções evoluíram graças à sua capacidade de induzir reações



adaptativas ao perigo, à competição, a oportunidades de acasalamento e assim por diante. As emoções propiciam a ação. Nossa espécie compartilha muitas emoções com os outros primatas porque contamos com aproximadamente o mesmo repertório comportamental. Essa semelhança, expressa por corpos com desenho similar, nos dá uma profunda conexão não verbal com outros primatas. Nossos corpos mapeiam tão perfeitamente os deles, e vice-versa, que o entendimento mútuo vem logo em seguida. É por isso que Jan e Mama se reconheceram como iguais, e não como homem e animal.

Pode-se contrapor que “iguais” não é o termo certo para um ser humano livre comparado a um símio cativo. Esse é um comentário justo. Mas Mama, nascida em 1957 no Zoológico de Leipzig, na Alemanha, não tinha ideia do que seria a vida na natureza. Em se tratando de zoológicos, ela teve a imensa sorte de se juntar à primeira grande colônia de chimpanzés do mundo. Nas décadas decorridas desde que os primeiros espécimes vivos perturbaram a rainha britânica, os zoológicos enjaularam a espécie, sozinhos ou em pequenos grupos. Os chimpanzés eram considerados violentos demais para viver em grupos com mais de um macho adulto, embora as comunidades naturais contem com muitos machos adultos, às vezes mais de uma dúzia. Quando estudante, Jan passara um tempo numa instalação norte-americana no Novo México onde a Nasa preparava chimpanzés jovens para serem enviados ao espaço. Lá ele viu em primeira mão as possibilidades e os problemas de abrigar muitos símios juntos. Os problemas surgiam da maneira como eles eram alimentados: os cuidadores despejavam todas as frutas e legumes numa única pilha, o que levava a grandes brigas que destruíam o tecido social. Por volta da mesma época, Jane Goodall aprendeu lição semelhante em seu acampamento na Tanzânia, o que a levou a abandonar o fornecimento de bananas a símios selvagens.



Inspirado pela experiência americana, Jan e seu irmão, Antoon, que era diretor do Zoológico Burgers, decidiram colocar todos os chimpanzés num mesmo espaço, mas alimentá-los separadamente ou em pequenas unidades familiares. O resultado foi o estabelecimento, no início dos anos 1970, de uma ilha ao ar livre de oitocentos metros quadrados com cerca de 25 chimpanzés, conhecida como colônia de Arnhem. Apesar das terríveis advertências dos especialistas de que aquilo nunca funcionaria, a colônia prosperou e com o tempo produziu filhotes mais saudáveis do que qualquer outra. Os símios nas florestas da África e da Ásia estão atualmente em declínio acentuado, tornando as populações dos zoológicos ainda mais valiosas. A colônia de Arnhem foi (e ainda é) um enorme sucesso e se tornou um modelo para zoológicos no resto do mundo.

Assim, embora estivesse em cativeiro, Mama desfrutou de uma longa vida em seu próprio universo social, rico em nascimentos, mortes, sexo, dramas de poder, amizades, laços familiares e todos os outros aspectos da sociedade primata. Ela talvez tenha percebido que a visita especial de Jan estava relacionada ao seu estado de saúde, mas não está claro se tinha alguma ideia de seu próprio fim iminente. Os símios sabem algo sobre mortalidade? A julgar por Reo, um chimpanzé do Instituto de Pesquisas sobre Primatas da Universidade de Kyoto, no Japão, deve-se suspeitar que os chimpanzés não têm essa consciência. No auge de sua vida, Reo ficou paralisado do pescoço para baixo em consequência de uma inflamação na coluna. Ele era capaz de comer e beber, mas não conseguia mexer o corpo. Perdeu peso continuamente enquanto veterinários e estudantes cuidavam dele o tempo todo durante seis meses. Reo se recuperou, porém a parte mais interessante é como reagiu ao fato de estar acamado. Sua atitude perante a vida não mudou nem um pouco. Mesmo quando sua condição parecia grave para todos ao seu redor, ele provocava jovens estudantes cuspiendo água neles,



como fazia antes da doença. Estava magro como um palito, mas parecia despreocupado e nunca ficava deprimido.<sup>3</sup>

Às vezes, supomos que outros animais têm um senso de mortalidade, como uma vaca a caminho do matadouro ou um animal de estimação que desaparece dias antes de sua morte. Contudo, grande parte disso é projeção humana, baseada no que *nós* percebemos que está por chegar. Mas os animais percebem isso também? Quem diz que uma gata escondida no porão durante seus últimos dias sabe que seu fim está próximo? Debitada ou com dor, ela pode simplesmente querer ficar sozinha. Da mesma forma, enquanto era óbvio para nós que Mama estava fisicamente às portas da morte, nunca saberemos se mentalmente ela também vivia o declínio.

Mama estava isolada em sua jaula nessa época porque os chimpanzés machos, especialmente os adolescentes, muitas vezes agem como idiotas ao espancar alvos fáceis. O zoológico queria proteger Mama naquela situação. A sociedade dos chimpanzés não é para os mansos e fracos, e precisamente por isso a posição que Mama ocupou durante toda a sua vida foi tão impressionante.

## **O papel central de Mama**

Mama tinha uma compleição excepcionalmente grande, com braços longos e poderosos. Durante as exibições de ataque, ela parecia muito intimidante, com os pelos eriçados, batendo os pés. Não tinha obviamente a quantidade de músculos e pelos de um macho, especialmente nos ombros, que os machos incham quando tentam impressionar. Mas o que lhe faltava em anatomia ela compensava em vigor. Mama era conhecida por dar golpes explosivos nas grandes portas de metal da jaula. Ela apoiava os punhos bem separados no chão e balançava o corpo inteiro entre os braços para dar um chute violento



com os dois pés contra a porta. Isso sinalizava que ela estava exaltada de verdade e que ninguém devia se meter com ela.

A dominância de Mama vinha de sua personalidade ainda mais que de seu físico. Ela tinha o ar de uma avó que havia visto de tudo e não aceitava besteira de ninguém. Exigia tanto respeito que a primeira vez que a encarei diretamente a partir do outro lado do fosso me senti pequeno. Ela tinha o hábito de acenar calmamente com a cabeça para que você soubesse que ela o havia notado. Eu nunca percebera tamanha sabedoria e equilíbrio em qualquer outra espécie que não fosse a minha. Seu olhar era de amizade circunscrita: estava pronta para entender e gostar de você contanto que você não a contrariasse. Ela tinha até senso de humor. Os chimpanzés costumam exibir uma cara de riso durante as brincadeiras, mas eu também via isso em momentos em que isso não pareceria adequado, como quando um macho superior se deixava perseguir por um filhote chateado. Enquanto foge dos gritos do monstrinho, o “homem grande” da colônia usa uma expressão risonha, como se o absurdo da situação o divertisse. Certa vez, Mama mostrou a mesma cara de riso diante do final inesperado de um confronto tenso, do mesmo modo como reagimos a uma piada.

Meu colega Matthijs Schilder estava testando as reações dos chimpanzés aos predadores. Ele pôs uma máscara de pantera e, sem que os chimpanzés soubessem, escondeu-se nos arbustos perto do fosso de água que circundava a ilha dos símios. De repente, ele levantou a cabeça com a máscara, de modo que um grande felino parecia estar olhando para os chimpanzés da folhagem. Sempre alertas, eles reagiram em segundos com grande alarme e fúria. Dando berros altos e zangados, avançaram para atacar o predador com paus e pedras. (A propósito, a mesma reação foi observada entre os chimpanzés selvagens, que temem intensamente os leopardos à noite, mas os importunam durante o dia.)



Matthijs teve dificuldade de evitar os projéteis, bem direcionados, e foi se esconder em outro lugar.

Depois de vários confrontos, ele ficou de pé e tirou a máscara para mostrar seu rosto familiar. A colônia se acalmou rapidamente. Mas, dentre todos os chimpanzés, foi Mama que mudou gradualmente a expressão de raiva e aflição para uma risada com a boca entreaberta e os lábios cobrindo frouxamente os dentes. Ela manteve essa cara por um tempo, sugerindo que percebera a brincadeira no disfarce de Matthijs.<sup>4</sup>

Mama conectava-se com facilidade com todos, tanto machos quanto fêmeas, e tinha uma rede de apoio como nenhuma outra — era uma diplomata nata. Ela também não relutava em impor lealdade: tomava partido nas lutas pelo poder, optando por apoiar um macho contra outro, mas não tolerava que outras fêmeas manifestassem escolha diferente. As fêmeas que faziam isso, que intervinham nas batalhas dos machos em favor do competidor “errado”, se veriam, de repente, no final do dia, em apuros com Mama. Ela agia como líder de partido em relação a seu candidato favorito.

Nesse aspecto, Mama abria apenas uma exceção: para sua aliada Kuif, uma fêmea também conhecida como Gorila, nome que eu usei em alguns de meus outros livros por causa de sua face toda negra. Kuif tinha uma compleição ligeiramente menor que a de Mama. Nascidas no mesmo zoológico, Kuif e Mama tinham um passado compartilhado que se traduzia numa poderosa aliança que continuou até a morte de Kuif, alguns anos antes da de Mama. Nunca vi um único desentendimento entre essas duas fêmeas. Com frequência elas catavam uma à outra e sempre se apoiavam quando uma delas se metia em confusão. Kuif era a única fêmea que podia contrariar os desejos de Mama sem consequências. Ela apoiava um macho em particular que não era o preferido de Mama, mas Mama ignorava esse apoio, como se nunca tivesse notado. Em outros aspectos, Mama e Kuif geralmente agiam



unidas. Uma briga séria com uma delas envolvia automaticamente a outra, e todos sabiam disso, inclusive os machos, que haviam aprendido que não podiam lidar com as duas fêmeas enfurecidas ao mesmo tempo. Mama e Kuif estavam sempre prontas a se apoiar e gritavam literalmente nos braços uma da outra após grandes convulsões.

Mama não era apenas uma figura central na colônia, mas também assumia o papel de elo com os seres humanos. Mais que qualquer outro chimpanzé, ela construía relacionamentos com pessoas de que gostava ou que percebia como importantes. Demonstrava enorme respeito pelo diretor do zoológico, por exemplo. A conexão comigo também se devia, em grande parte, a iniciativa sua. Muitas vezes tínhamos sessões de catação através das grades da jaula que ela compartilhava com sua amiga Kuif. Embora minhas relações com Mama fossem descontraídas, eu precisava ter cuidado com Kuif, que às vezes tentava me provocar, me testando. Os chimpanzés estão sempre no jogo da demonstração de superioridade, sempre buscando os limites da dominância, sua ou deles. Às vezes Kuif me agarrava através das grades, quando Mama estava sentada ao lado, de costas para ela. A melhor estratégia nesses casos é manter a calma e agir como se você mal percebesse; caso contrário, as coisas podem se intensificar. Nos últimos anos, minha relação com Kuif mudou radicalmente para melhor. Depois de ajudá-la a criar seus primeiros filhos sobreviventes, tornei-me seu ser humano favorito.

Infelizmente, Kuif havia perdido os filhotes anteriores por lactação insuficiente. Os recém-nascidos não conseguiam se desenvolver e definhavam. Toda vez que um deles morria, Kuif entrava numa profunda depressão, marcada por atitudes como balançar-se, agarrar o próprio corpo, recusar comida e soltar gritos de cortar o coração. Havia até mesmo indícios de lágrimas: embora acreditemos que somos os únicos primatas que lacrimejam, Kuif esfregava vigorosamente os olhos com as costas dos dois punhos, do modo que as crianças fazem depois



de um bom choro. Talvez fosse apenas uma irritação nos olhos, mas, curiosamente, esse comportamento aparecia nas mesmas circunstâncias em que as lágrimas humanas escorrem.

Diante de tanto sofrimento repetido de Kuif, tive a ideia de ajudá-la a criar sua próxima prole com uma mamadeira. Mas previ um problema: as mães chimpanzés são extremamente possessivas, e era provável que Kuif não nos permitisse retirar o bebê para alimentá-lo. Kuif teria de usar a mamadeira sozinha. Era um plano audacioso, nunca tentado antes.

Então uma solução se apresentou. Nasceu na colônia o filhote de uma mãe surda. No passado, essa chimpanzé fêmea jamais conseguira criar sua prole pela incapacidade de ouvir os sons suaves do bebê que indicam satisfação e desconforto. Essas vocalizações orientam o comportamento materno. A mãe surda pode se sentar sobre o bebê, por exemplo, sem perceber os gemidos desesperados. Para evitar mais um fracasso, tão duro para essa fêmea quanto para Kuif, decidimos retirar o último bebê, chamada Roosje (ou Rosinha) logo após o nascimento e dá-la para Kuif adotar. Cuidamos do bebê enquanto treinávamos Kuif a manusear a mamadeira. Depois de semanas de treinamento, colocamos o filhote na palha da jaula de Kuif.

Em vez de pegar o bebê, Kuif se aproximou das grades onde o cuidador e eu estávamos esperando. Ela nos beijou, alternando o olhar entre Roosje e nós, como se pedisse permissão. O ato de pegar o bebê de outra sem ser convidada não é bem visto entre os chimpanzés. Nós a encorajamos, acenando com os braços em direção à criança e dizendo: “Vá, pegue-a!”. Ela acabou por fazer isso, e daquele momento em diante Kuif foi a mãe mais cuidadosa e protetora que se poderia imaginar, e criou Roosje como esperávamos. Ela se tornou bastante talentosa na alimentação e chegava mesmo a afastar brevemente a mamadeira se Roosje precisava arrotar, algo que nunca lhe ensinamos.





Ensinei a chimpanzé fêmea Kuif a dar de mamar à sua filha adotiva Roosje. Ela segurava a mamadeira com habilidade e às vezes a afastava para deixar Roosje respirar ou arrotar.

Depois dessa adoção, Kuif me cobria com o máximo afeto sempre que eu mostrava meu rosto. Ela reagia a mim como se eu fosse um membro da família há muito perdido, segurava minhas duas mãos e choramingava desesperada se eu tentasse ir embora. Nenhum outro símio no mundo fazia isso. Nosso treinamento com a mamadeira possibilitou que Kuif criasse não só Roosje, mas também alguns de seus próprios filhos. Ela ficou eternamente grata por essa reviravolta em sua vida, e é por isso que eu sempre recebia uma recepção tão calorosa quando me aproximava da área de descanso de Mama e Kuif.

Essas experiências também explicam minha referência aqui a emoções que vão de luto e afeição a gratidão e admiração, porque é isso que eu sentia ao lidar com elas. Como fazemos uns com os outros, e como Hebb defendeu em relação aos símios, descrevemos



frequentemente o comportamento em termos das emoções que estão por trás dele. Em minha pesquisa, no entanto, tendo a manter-me afastado dessas caracterizações porque, para analisar objetivamente o comportamento, é melhor deixar as impressões pessoais de fora. Uma forma óbvia de conseguir isso é documentar como os símios se comportam entre si, e não como interagem conosco. A coleta dos dados necessários tomava a maior parte do meu tempo, uma vez que meu foco principal era a política da colônia. Meu projeto dizia respeito à maneira como os machos competem por posição hierárquica, ao papel mediador das fêmeas dominantes, como Mama, e às várias maneiras pelas quais os conflitos são resolvidos.

Isso significava dedicar vasta atenção à hierarquia social e ao exercício do poder, temas surpreendentemente controversos durante a época do *flower power*, na década de 1970. Minha geração estudantil era anarquista e ferozmente democrática, não confiava nas autoridades que dirigiam a universidade (chamavam-nas de “mandarins”), considerava antiquado o ciúme sexual e achava que qualquer tipo de ambição era suspeito. Por outro lado, a colônia de chimpanzés que eu observava todo santo dia mostrava todas aquelas tendências “reacionárias” em mais alto grau: poder, ambição e ciúme.

Sentado ali com meus cabelos na altura dos ombros, nutrido por canções melosas como “Strawberry Fields Forever” e “Good Vibrations”, passei por um período verdadeiramente revelador. De imediato, como ser humano, fiquei impressionado com as semelhanças entre nós e nosso parente mais próximo: todo primatólogo passa por essa fase do “Se isso é um animal, então o que sou eu?”. Mas, então, tal como um verdadeiro hippie, tive de lidar com um comportamento que minha geração condenava, mas era comum nos chimpanzés. Em vez de deixar que isso influenciasse a maneira como eu olhava para os símios, comecei a entender melhor a minha própria espécie.



A coisa se resumia ao básico do observador: reconhecimento de padrões. Comecei a notar uma disputa desenfreada por posição, formação de alianças, puxa-saquismo e oportunismo político — em meu próprio ambiente. E não me refiro apenas à geração mais velha. O movimento estudantil tinha seus próprios machos alfa, lutas por poder, tientes e ciúmes. Quanto mais promíscuos nos tornávamos, mais o ciúme sexual erguia sua feia cabeça. Meu estudo sobre os símios me deu o distanciamento certo para analisar esses padrões, que eram claros como o dia se você procurasse por eles. Os líderes estudantis ridicularizavam e isolavam possíveis desafiantes e roubavam a namorada de todo mundo, ao mesmo tempo que pregavam as maravilhas do igualitarismo e da tolerância. Havia um enorme descompasso entre o que minha geração queria ser, tal como expresso em nossa apaixonada oratória política, e como nos comportávamos de verdade. Nós estávamos em total fase de negação!

Mama pelo menos era honesta quanto ao poder: ela o tinha e o exercia. De início, ela até dominou três machos adultos que foram introduzidos na colônia um pouco tarde. Esses machos estavam em desvantagem quando entraram na estrutura de poder existente e tiveram dificuldade para se estabelecer. Mama mantinha todos na linha, sem hesitar em usar a força bruta. Na verdade, ela causava mais ferimentos do que um macho dominante normalmente faz, talvez porque uma fêmea tenha de usar medidas mais duras para se manter no topo. Mais tarde, os machos controlaram as primeiras posições e jogavam seus habituais jogos de poder entre si, mas Mama continuou extremamente influente como líder das fêmeas. Qualquer macho que tentasse subir na hierarquia precisava tê-la a seu lado, porque sem ela jamais chegaria lá. Todos catavam Mama mais do que catavam qualquer outra fêmea, faziam cócegas em sua filha Moniek (que se comportava



como uma princesa mimada) e nunca resistiam quando ela arrancava comida de suas mãos. Eles sabiam que tinham de agradá-la.

Mama era especialista em mediação. Muitas vezes, depois que dois rivais machos brigavam, eles eram incapazes de se reconciliar, mesmo parecendo interessados nisso. Eles ficavam perto um do outro sem um verdadeiro encontro físico. E evitavam o contato visual. Toda vez que um deles erguia o olhar, o outro pegava uma folha de relva ou um galho e inspecionava-o com súbito interesse. O impasse me lembrava dois homens furiosos num bar.

Nessas circunstâncias, Mama aproximava-se de um deles e começava a catá-lo. Então, depois de vários minutos, ela caminhava lentamente em direção ao outro macho. Seu parceiro de catação costumava segui-la, andando colado nela de modo que não pudesse haver contato visual com o rival. Se ele não a seguisse, Mama poderia voltar a puxá-lo pelo braço para *fazê-lo* seguir. Isso mostrava que sua mediação era intencional. Depois que os três indivíduos ficavam sentados juntos por um tempo, com Mama no meio, ela simplesmente se levantava e se afastava, deixando os dois machos ali para se catarem mutuamente.

Outras vezes, machos que não conseguiam pôr fim a uma luta prolongada corriam para Mama. Ela ficava com dois machos totalmente adultos, um em cada braço, que não paravam de gritar um com o outro, mas pelo menos haviam parado de lutar. Às vezes um macho tentava pegar o outro, mas Mama o impedia e afugentava o agressor. Os dois machos usualmente se reconciliavam expondo, beijando e acariciando os órgãos genitais um do outro, e depois podiam descarregar sua tensão perseguindo um macho de posição hierárquica inferior.

Um incidente dramático mostrou o quanto Mama agia como a principal negociadora da colônia. Nikkie, um macho alfa novinho em folha, ganhou o primeiro lugar da colônia, mas sempre que tentava afirmar seu domínio os outros resistiam ferozmente. Ser um alfa não



significa que você pode fazer o que quiser, especialmente para um alfa tão jovem quanto Nikkie. Por fim, todos os símios descontentes, inclusive Mama, foram atrás dele, gritando e ladrando alto. Nikkie, não mais tão imponente, acabou sentando no alto de uma árvore sozinho, em pânico e gritando. Todas as rotas de fuga estavam cortadas. Toda vez que ele tentava descer, os outros o perseguiram de volta.

Então, depois de uns quinze minutos, Mama subiu lentamente na árvore. Ela tocou Nikkie e o beijou. Então ela desceu, com ele a seguindo. Agora que Mama o conduzia, ninguém mais resistiu. Nikkie, obviamente ainda nervoso, fez as pazes com os adversários.

Os machos alfa raramente chegam ao topo sozinhos, e Nikkie não era exceção. Ele alcançou sua posição com a ajuda de Yeroen, um macho mais velho. Isso significava que Nikkie precisava manter boas relações com o amigo. Mama parecia compreender esse arranjo, porque uma vez ela interveio ativamente quando os dois machos se desentenderam. Yeroen estava tentando acasalar-se com uma fêmea sexualmente atraente, mas Nikkie arrepiou imediatamente todo o pelo e começou a balançar a parte superior do corpo, avisando que poderia interferir. Yeroen interrompeu seus avanços amorosos e saiu gritando atrás de Nikkie. Embora Nikkie fosse o dominante dos dois, estava de mãos atadas — intensificar uma briga com quem fez de você um rei nunca é boa ideia. Ao mesmo tempo, o rival comum deles, o macho de quem haviam conquistado a dominância, pavoneava-se e se impunha, sentindo uma oportunidade. Nesse momento crítico, Mama entrou em cena. Foi primeiro até Nikkie e pôs o dedo em sua boca, um gesto comum de tranquilização. Ao mesmo tempo, acenou impaciente a cabeça para Yeroen e estendeu-lhe a outra mão. Yeroen se aproximou e deu-lhe um beijo na boca. Quando ela saiu do meio deles, Yeroen abraçou Nikkie. Depois do reencontro, ambos os machos, lado a lado, intimidaram o rival comum para sublinhar a unidade restaurada. Então todos se



acalmaram. Mama acabara com o caos no grupo, restaurando a aliança governante.

Esse evento refletia o que chamo de *consciência triádica*, ou a compreensão de relacionamentos entre terceiros. Muitos animais sabem obviamente quem eles dominam, ou quem são seus parentes e amigos, mas os chimpanzés vão um passo além ao perceber quem ao seu redor domina quem e quem é amigo de quem. O indivíduo A está ciente não apenas de seus próprios relacionamentos com B e C, mas também do relacionamento entre B e C. Seu conhecimento abrange toda a tríade. Da mesma forma, Mama deve ter percebido o quanto Nikkie dependia de Yeroen.

A consciência triádica pode se estender até para fora do grupo, como mostra a reação de Mama ao diretor do zoológico. Ela tinha pouco contato direto com ele, mas deve ter percebido como os cuidadores ficavam agitados e respeitosos sempre que ele aparecia. Os símios observam e aprendem, assim como fazemos quando entendemos quem é casado com quem ou a qual família uma criança pertence. Em experiências, reproduziram-se vocalizações e vídeos para explorar como os animais percebem seu mundo social. A partir dessa pesquisa, aprendemos que a consciência triádica não se limita aos grandes primatas — ela foi encontrada também em macacos e corvos, por exemplo. Mas Mama era campeã nisso, possuindo uma percepção social extraordinária. Sua posição central na colônia decorria de sua capacidade de promover a harmonia e compreender as complexidades políticas, o que lhe permitia restabelecer parcerias rompidas e mediar sempre que os ânimos se inflamavam.

## **Fêmea alfa**



Entre os seres humanos, as fêmeas alfa são abundantes, variando de Cleópatra a Angela Merkel. Mas estou impressionado com um exemplo ordinário presente na autobiografia de Bruce Springsteen, *Born to Run*, de 2016. Quando jovem guitarrista, Springsteen se apresentou com os Castiles em muitos clubes sórdidos de Nova Jersey, inclusive aqueles dos adolescentes *greasers*, conhecidos por seu extenso uso de pomada para cabelos. Durante apresentações para garotas de cabelos armados com laquê, a banda descobriu a primazia de Kathy:

Você chegava, montava suas coisas, começava a tocar [...] e ninguém se mexia — ninguém. Uma hora muito desconfortável se passava, com todos os olhos em Kathy. Então, quando você tocava a música certa, ela se levantava e começava a dançar, como em transe, arrastando lentamente uma namorada para a frente da banda. Momentos depois, o salão estava lotado e a noite decolava. Esse ritual se repetiu várias vezes. Ela gostava de nós. Nós descobrimos sua música favorita e não paramos de tocá-la.<sup>5</sup>

As hierarquias humanas podem ser bastante aparentes, mas nem sempre as reconhecemos como tais, e os estudiosos geralmente agem como se elas não existissem. Assisti a conferências inteiras sobre comportamento humano adolescente sem nunca ouvir as palavras “poder” e “sexo”, embora para mim elas tenham tudo a ver com a vida adolescente. Quando falo sobre isso, todos costumam balançar a cabeça em concordância e acham que é maravilhosamente original o modo como um primatólogo olha o mundo, depois continuam com o foco na autoestima, na imagem corporal, na regulação emocional, na assunção de riscos e assim por diante. Diante da escolha entre comportamento humano manifesto e construtos psicológicos da moda, as ciências sociais sempre favorecem estes últimos. No entanto, entre os adolescentes não há nada mais óbvio do que a exploração do sexo, a testagem de poder e a busca de estrutura. A banda de Springsteen, por exemplo, tentou



desesperadamente agradar Kathy e ficar amiga dela, mas eles também tiveram de ser extremamente cuidadosos. Como havia gangues circulando por ali, ser amado demais por uma garota era arriscado, porque “um murmúrio, um boato, um sinal de algo mais que amizade não seria bom para a sua saúde”.

Esses são os primatas que conheço!

Entre os chimpanzés, as fêmeas adolescentes também despertam a competição e a proteção masculinas. Antes de chegar a essa idade, elas dificilmente contam: andam com os bebês dos outros e brincam com colegas de ambos os sexos, mas ninguém lhes dá atenção. No entanto, quando seu primeiro pequeno inchaço sexual se desenvolve, os olhos masculinos começam a segui-las. O balão rosa no traseiro cresce a cada ciclo menstrual. Ao mesmo tempo, elas se tornam sexualmente ativas. No início, têm dificuldade em seduzir os machos para o sexo e são bem-sucedidas apenas com chimpanzés de sua idade. Mas quanto maior o inchaço, mais elas intrigam os machos mais velhos.

Toda jovem fêmea logo compreende como isso lhe dá uma vantagem no mundo. Na década de 1920, Robert Yerkes, um pioneiro norte-americano da primatologia, realizou experimentos sobre o que ele chamou de relações “conjugais” (um nome equivocado, pois os chimpanzés não têm laços estáveis entre os sexos). Deixando cair um amendoim entre um macho e uma fêmea, Yerkes notou que os privilégios de uma fêmea inchada superavam os das fêmeas que não tinham aquela ferramenta de barganha. As fêmeas de chimpanzés com inchaço genital invariavelmente levavam o prêmio.<sup>6</sup> Na natureza, após a caçada, os machos compartilham a carne com fêmeas inchadas. Na verdade, quando essas fêmeas estão por perto, os machos caçam com mais avidez devido às oportunidades sexuais que uma caça bem-sucedida proporciona. Um macho de baixa posição social que captura um macaco torna-se automaticamente um ímã para o sexo oposto, o



que lhe oferece uma chance de acasalar-se em troca do compartilhamento da carne — até que alguém acima dele na hierarquia o descubra.



As fêmeas de chimpanzé anunciam sua fertilidade com um grande inchaço parecido com um balão no traseiro, um edema cor-de-rosa cheio de água da genitália externa. Esse detalhe patente atrai os machos. Quando seu primeiro inchaço aparece, as fêmeas adolescentes ganham status rapidamente enquanto descobrem os benefícios do sex appeal.

A atração dos chimpanzés machos por inchaços genitais pode nos parecer estranha, uma vez que a maioria de nós sente repulsa por esses corpos inchados rosa brilhante. Mas isso é de fato diferente do modo como os homens em nossa cultura “comem com os olhos” os seios femininos? A atração de protuberâncias frontais carnudas é, na verdade, mais intrigante, porque elas não anunciam fertilidade, ao contrário dos inchaços das chimpanzés. À medida que os seios de uma mulher jovem crescem, muitas vezes auxiliados por sutiãs e enchimentos, ela também se torna um ímã para a atenção masculina, aprende o poder do decote, o



que lhe dá uma influência que nunca tivera antes, ao mesmo tempo que a expõe aos ciúmes e comentários desagradáveis de outras mulheres. Esse período complexo na vida de uma garota, com seus enormes transtornos emocionais e inseguranças, reflete a mesma interação entre poder, sexo e rivalidade que as fêmeas adolescentes de símios vivenciam.

Uma fêmea jovem de chimpanzé aprende da maneira mais difícil que a proteção masculina é efêmera, pois só funciona quando os machos estão por perto e se sentem atraídos. Um exemplo típico dessa curva de aprendizado envolveu Mama e Oortje, quando esta última estava passando pelos primeiros ciclos menstruais. Durante uma briga por comida, Mama deu um tapa nas costas de Oortje. Esta então correu para Nikkie, o macho alfa, e se esgoelou, fazendo um barulho totalmente desproporcional à pequena reprimenda que havia recebido. Ela até apontou a mão acusadora na direção de Mama.

Mas Oortje tinha um inchaço sexual, motivo pelo qual Nikkie estava por perto dela o dia todo. Em resposta a seu protesto, ele passou correndo por Mama, a fêmea alfa, com todo o pelo eriçado. Mama não aceitou quieta esse aviso. Gritando e urrando, foi atrás de Nikkie. Mas não houve agressão física entre os dois, e poucos minutos depois Oortje e Mama fizeram contato visual à distância. Mama assentiu com a cabeça, Oortje se aproximou imediatamente e elas se abraçaram. Tudo parecia bem, especialmente quando Mama também se reconciliou com Nikkie.

Naquela mesma noite, os chimpanzés foram levados para dentro do abrigo, como de costume, e a colônia foi dividida em grupos menores para passar a noite. Mas, depois de um tempo, ouvi uma grande briga. Acontece que, logo que se viu sozinha com Oortje numa área sem machos, Mama atacou a jovem fêmea em termos inequívocos. A reconciliação anterior fora apenas para consumo do público. Não significava que o incidente fora esquecido.



Os períodos de atração das fêmeas adolescentes, por mais empoderadores que sejam, são breves e transitórios, e elas são ignoradas assim que uma fêmea mais velha fica inchada. Isso não parece óbvio, já que estamos acostumados a ver os machos humanos serem atraídos por parceiras jovens. Mas não é assim que as coisas funcionam entre os chimpanzés. Em nossa espécie, a atração pela juventude faz sentido evolutivo pelos nossos vínculos conjugais, por formarmos núcleos familiares estáveis. As mulheres jovens são mais disponíveis e valiosas graças à vida reprodutiva que têm à sua frente. Daí a eterna busca das mulheres por parecerem jovens, lançando mão de tinturas nos cabelos, maquiagem, implantes, plásticas faciais etc. Nossos parentes primatas, no entanto, não conhecem parcerias de longo prazo, e os machos são mais atraídos por parceiras maduras. Se várias fêmeas estão inchadas ao mesmo tempo, os machos invariavelmente cobiçam as mais velhas. Isso também foi relatado a respeito dos chimpanzés que vivem em liberdade. Eles praticam uma discriminação reversa da idade, talvez preferindo companheiras com um histórico de filhotes saudáveis.

Em consequência, Mama se tornou a maior atração sexual do grupo quando, quatro anos depois de dar à luz Moniek, desenvolveu novo inchaço. Uma multidão de machos, jovens e velhos, reuniu-se para se envolver em “barganhas sexuais”. Em vez de competir abertamente, o que também faziam às vezes, os machos em geral catavam-se uns aos outros. Eles permitiriam que um deles se acasalasse sem ser perturbado em troca de uma longa sessão de catação, especialmente com o macho alfa. Superficialmente, a cena parecia calma: o objeto de desejo observava enquanto todos aqueles dom-juans cuidavam dos pelos uns dos outros. Mas havia uma grande tensão subjacente. Qualquer macho que tentasse se aproximar de Mama pulando o protocolo certamente teria problemas.





O inchaço genital de uma fêmea pode causar intensa competição entre os machos, que curiosamente se manifesta mais em catação que em briga. No que é conhecido como “barganha sexual”, os machos catam-se uns aos outros em ritmo frenético na presença da fêmea. Os machos subordinados catam seus superiores para “comprar” um acasalamento tranquilo. Aqui, uma fêmea (*à esq.*) espera pacientemente que os machos resolvam suas questões.

O que mais me interessa nessas cenas é o óbvio autocontrole dos machos. Tendemos a olhar os animais como seres emocionais que não possuem os freios que aplicamos. Alguns filósofos até argumentaram que o que diferencia nossa espécie é a capacidade de suprimir impulsos, uma ideia ligada ao livre-arbítrio. Mas, como tantas outras propostas sobre a singularidade humana, essa é completamente equivocada. Nada poderia ser menos adaptativo para um organismo do que seguir cegamente suas emoções. Quem quer ser um bólido desenfreado? Se um gato cedesse imediatamente à sua vontade de correr atrás do esquilo, em vez de se esgueirar lentamente até a presa, ele fracassaria sempre. Se Mama não tivesse esperado o momento certo para atacar Oortje, nunca teria conseguido enfatizar sua posição. Se os machos se acasalassem sempre que tivessem vontade, teriam constantemente



*image  
not  
available*



somos espertos o suficiente para nos tornarmos amigos dela, mesmo que formalmente ela ocupe um lugar bem baixo no organograma da empresa. Da mesma forma, os resultados sociais de um grupo de chimpanzés dependem frequentemente de quem é mais central na rede de laços familiares e alianças. Já contei que Nikkie, o novo macho alfa, não era tão respeitado quanto seu parceiro sênior Yeroen. Nikkie detinha o posto mais alto, mas não era muito poderoso, e a colônia periodicamente rejeitava seu mando. Na verdade, eram Yeroen e Mama, o macho e a fêmea mais velhos da colônia, que mandavam no pedaço. Eles tinham tanto prestígio que ninguém se opunha às suas decisões. Com suas excelentes conexões e habilidades de mediação, Mama era extraordinariamente influente. Todos os machos adultos estavam formalmente acima dela, mas se a coisa ficasse feia todos precisavam dela e a respeitavam.

Seu desejo era o desejo da colônia.

## **Morte e luto**

Quando o estado de Mama piorou, sem esperança de melhora, ela foi sacrificada por um veterinário. Foi um dia imensamente triste, mas a decisão era inevitável. O zoológico então fez algo que raramente integra o protocolo da morte: ofereceu à colônia de símios a chance de ver e tocar o cadáver, deixando-o no abrigo noturno com as portas abertas. Todas as idas e vindas foram filmadas.

Os vídeos deixam claro que as fêmeas estavam mais interessadas que os machos. Os machos bateram no corpo de Mama algumas vezes e o arrastaram. Esse tratamento grosseiro pode parecer inadequado, mas já o havíamos visto antes: é provável que seja uma tentativa de despertar o morto. Como ter certeza de que um indivíduo está realmente morto, a menos que suas reações tenham sido exaustivamente testadas? Mesmo



*image  
not  
available*



Mesmo se considerarmos o amor romântico humano especial, as semelhanças neurais com outras espécies são impressionantes. Larry Young, um colega neurocientista da Universidade Emory, é conhecido por seus estudos de duas espécies de ratos silvestres. A ratazana do prado leva uma vida promíscua, ao passo que o arganzaz do campo, de aparência semelhante, forma pares nos quais macho e fêmea se acasalam exclusivamente entre si e criam filhotes juntos. Os arganzazes do campo possuem muito mais receptores de oxitocina nas vias de recompensa de seus cérebros do que as ratazanas do prado. Em consequência, têm uma associação intensamente positiva com o sexo, o que os torna “viciados” no parceiro com o qual o fazem. A oxitocina garante que eles se vincularão. Se perdem o(a) parceiro(a), esses ratos apresentam mudanças cerebrais químicas que sugerem estresse e depressão; tornam-se também passivos diante do perigo, como se viver ou morrer não lhes importasse mais. Portanto, até esses minúsculos roedores parecem conhecer o pesar da morte.<sup>11</sup>

A zoóloga norte-americana Patricia McConnell descreve como sua cadela Lassie reagiu à morte do melhor amigo, o cão Luke. Os dois se adoravam e estavam sempre juntos. Após a morte de Luke, Lassie ficou um dia inteiro no quarto onde o corpo estivera, deitada de cabeça baixa, com os olhos melancolicamente tristes e as sobrancelhas franzidas. No dia seguinte, ela regrediu ao comportamento estereotipado de sua juventude, girando como louca, lambendo e chupando os brinquedos como se estivesse mamando. McConnell concluiu que Lassie havia compreendido o caráter definitivo da morte de Luke. Caso contrário, por que mudaria tão drasticamente de disposição?<sup>12</sup>

Tudo indica que ao menos alguns animais percebem que um companheiro morto nunca se moverá de novo. Quando um chimpanzé macho adulto caiu de uma árvore e quebrou o pescoço, uma fêmea adolescente selvagem fitou seu corpo imóvel por mais de uma hora, sem



*image  
not  
available*



caminho. Esse comportamento dificilmente exigiria a crença em uma vida após a morte. O mesmo tipo de necessidade prática pode ter impulsionado o *Homo naledi*. A essa altura, nós simplesmente não sabemos se moveram seus mortos com cuidado e preocupação ou os jogaram sem cerimônia numa caverna distante para se livrar deles. Pode até ser pior: quem disse que os restos descobertos estavam mortos no momento em que foram parar na caverna?

É uma estranha coincidência que a palavra *naledi* (que significa “estrela” nas línguas sotho-tswana) seja um anagrama de *denial* [“negação”, em inglês]. Os descobridores do fóssil estavam ansiosos demais para enfatizar sua humanidade, ao mesmo tempo que negavam o quanto nossos ancestrais tinham em comum com os símios. Os seres humanos divergiram dos símios há tanto tempo quanto o elefante africano divergiu do asiático, e são geneticamente tão próximos ou distantes. No entanto, chamamos livremente essas duas espécies de “elefantes”, enquanto temos uma obsessão com o ponto específico em que a nossa própria linhagem mudou de símio para humano. Temos até palavras especiais para esse processo, como “hominização” e “antropogênese”. É uma ilusão generalizada que tenha havido tal momento no tempo, como tentar encontrar o comprimento de onda exato no espectro da luz em que o laranja se transforma em vermelho. Nosso desejo por divisões nítidas está em desacordo com o hábito da evolução de fazer transições extremamente suaves.

Não se sabe quão difundido é o senso de finitude e quanto ele se baseia numa projeção mental do futuro. Mas membros de pelo menos algumas espécies parecem perceber, depois de se assegurarem por olfato, tato e tentativas de reavivamento, que um ente querido se foi, que a relação entre eles migrou de forma permanente do presente para o passado. Como eles chegam a essa percepção é intrigante. Baseiam-se na experiência? Ou sabem intuitivamente que a morte faz parte da vida?



*image  
not  
available*



evoluímos de coletores de frutas que viviam em árvores — daí olhos frontais, visão de cores e mãos que agarram —, mas, pelo nosso tamanho e nossas habilidades especiais, temos a postura de um predador. É provavelmente por isso que nos damos tão bem com nossos animais de estimação preferidos, que são dois carnívoros peludos.

Na faculdade, eu tinha uma gatinha preta e branca chamada Plexie. Cerca de uma vez por mês, eu punha Plexie numa sacola, com a cabeça para fora, e a levava de bicicleta para brincar com seu melhor amigo, um cãozinho de pernas curtas. Os dois brincavam juntos desde que eram pequenos e continuaram fazendo isso adultos. Eles subiam e desciam correndo as escadas de uma grande casa de estudantes, surpreendiam-se mutuamente a cada virada, a óbvia alegria deles era contagiante. Faziam isso durante horas, até ficarem exaustos. Cães e gatos muitas vezes se dão bem porque ambos estão ansiosos para perseguir e pegar objetos em movimento. Eles também são mamíferos, o que os ajuda a se relacionar conosco. Outros mamíferos reconhecem nossas emoções e nós reconhecemos as deles. É essa conexão empática que atrai os seres humanos para gatos domésticos (600 milhões estimados em todo o mundo) e cães (500 milhões), em vez de, digamos, iguanas ou peixes. Com essa conexão homem-animal, no entanto, vem nossa tendência de projetar sentimentos e experiências nos animais, muitas vezes de forma acrítica.

Podemos dizer que o nosso cão está “orgulhoso” de uma fita que ganhou numa exposição ou que nosso gato está “envergonhado” por não ter conseguido dar um salto. Vamos a hotéis de praia para nadar com golfinhos, convencidos de que os animais devem adorar essa atividade tanto quanto nós. Nos últimos tempos, as pessoas acreditaram na alegação de que Koko, a gorila que aprendera a linguagem manual dos sinais na Califórnia, se preocupava com a mudança climática, ou que os chimpanzés têm religião. Assim que ouço essas sugestões, meus



*image  
not  
available*



era capaz de produzir uma panóplia de emoções sutis sob comando — o que você quisesse. Ele ilustrava como um leve franzir indicava uma emoção, e o nariz enrugado outra. Nós admiramos não apenas suas acrobacias faciais, mas também sua visão evolutiva, que na época era excepcional para um psicólogo.

Falo de “acrobacia” porque obviamente o trabalho de Ekman dizia respeito a movimento e forma. Nós, seres humanos, somos muito capazes de fazer cara de aborrecidos sem realmente nos sentirmos aborrecidos. Temos um controle facial razoável. Por muito tempo achei que outros primatas talvez não o tivessem, até que estudei os bonobos no Zoológico de San Diego. Lá vivi numa situação que, vista em retrospecto, é até divertida.

Eu tinha assumido a tarefa de documentar todo o repertório comportamental dos bonobos — seus gritos, expressões faciais, gestos e posturas —, coisa que ninguém havia feito antes. Mas, toda vez que eu observava um grupo de jovens em seu recinto espaçoso e verde, minha lista de expressões faciais ficava mais longa. Parecia que não havia um fim à vista. Eu tinha de descrever as expressões mais estranhas, e elas jamais combinavam com aquelas que eu havia visto antes. Depois de algum tempo, me dei conta de que as mais incomuns sempre ocorriam em situações não sociais e nunca levavam a ações particulares, como sexo ou agressão, que pudessem trair seu significado. Um jovem bonobo ficava sentado olhando para nada em particular e subitamente passava por uma pantomima de bochechas chupadas, um lábio superior protuberante e movimentos rápidos dos maxilares. Às vezes isso envolvia uma mão — por exemplo, puxando um lábio para o lado ou circundando toda a nuca para enfiar um dedo na boca do lado “errado”.

Concluí que os bonobos estavam apenas se divertindo com caretas de brincadeira que não faziam sentido algum. Eu as chamei de “caras engraçadas” e as considerei um sinal de excelente controle voluntário da



*image  
not  
available*



nobres sensibilidades através de movimentos faciais que compartilhamos com animais “inferiores” era um insulto.

Contudo, entre todas as semelhanças, Darwin também observou exceções. Para ele, corar e franzir a testa poderiam ser reações exclusivamente humanas. Quanto a corar, ele estava absolutamente certo. Nunca vi a face de outro primata ficar rapidamente vermelha. O rubor continua sendo um mistério da evolução, em especial para os cínicos que insistem em que o objetivo da vida social é a exploração egoísta dos outros. Se isso fosse verdade, não estaríamos muito melhor sem o sangue que aflui descontroladamente para as bochechas e o pescoço, em que a mudança na cor da pele se destaca como um farol? Se o rubor nos mantém honestos, precisaríamos nos perguntar por que a evolução nos equipou — e a nenhuma outra espécie — com um sinal tão visível. Ou, como disse Mark Twain: “O homem é o único animal que enrubesce — ou que precisa enrubescer”.

Por outro lado, no que diz respeito a franzir o cenho, Darwin estava apenas parcialmente correto. Ele citou um especialista de sua época que achava que se tratava de um reflexo peculiar humano de inteligência superior, porque o franzir “une as sobrancelhas com um esforço enérgico que, inexplicável mas irresistivelmente, expressa a ideia da mente”.<sup>5</sup> Não temos razão, no entanto, para nos orgulhar por causa de um pequenino músculo perto das sobrancelhas. Sabemos agora que ele está presente em outras espécies. Ao querer explorar seu efeito em rostos não humanos, Darwin fez várias visitas aos jardins da Sociedade Zoológica de Londres. Em carta para a irmã, ele descreveu seu encontro com Jenny, uma fêmea de orangotango:

Eu também vi a orangotango com grande perfeição: o cuidador mostrou-lhe uma maçã, mas não a entregou, e então ela se jogou de costas, chutou e chorou, exatamente como uma criança travessa. Depois pareceu muito mal-



*image  
not  
available*



lábio superior durante o reflexo Flehmen (quando captam um cheiro incomum), mostram a esclera (branco do olho) quando abrem os olhos arregalados de medo e têm uma grande variedade de posições de orelhas.<sup>9</sup> Quem tem um cão ou um gato em casa sabe que as orelhas são dispositivos de sinalização incrivelmente eficazes, tanto que considero as orelhas imóveis da humanidade uma séria desvantagem.



As faces dos equinos são tão expressivas quanto as dos primatas. Aqui, um pônei mostra a reação de Flehmen, típica de quando sente um cheiro novo, ou depois que um garanhão sente o odor da urina de uma égua. Recuar o lábio superior ajuda a levar o cheiro aos receptores no órgão vomeronasal. Os gatos fazem careta semelhante quando topam com um cheiro incomum.

Estudou-se também como os cães produzem e percebem caras, inclusive as nossas. Concluiu-se que eles se comunicam intencionalmente a partir do fato de que suas faces mudam mais em resposta a um rosto humano que os observa do que a alguém que lhes virou as costas. Uma expressão comum dos cães ocorre quando eles puxam a sobrancelha interna, o que aumenta seus olhos. Nós nos



*image  
not  
available*



ter para se impor. Entre os macacos rhesus, essa expressão é inteiramente unidirecional: é exibida pelo subordinado para o dominante, nunca o contrário. Como tal, é um marcador inequívoco de hierarquia. Cada espécie tem sinais para esse propósito. Os seres humanos sinalizam a subordinação curvando-se, prostrando-se, rindo das piadas do chefe, beijando o anel do bispo, batendo continência e assim por diante. Os chimpanzés se abaixam na presença de indivíduos de alta hierarquia e emitem um tipo especial de grunhido para cumprimentá-los. Mas o sinal primata original para deixar claro que você está abaixo de outra pessoa é um sorriso com os cantos da boca puxados para trás.

No entanto, essa expressão enfatiza muito mais coisas que o medo. Quando um macaco está simplesmente com medo, como quando vê uma cobra ou um predador, ele fica imóvel (para evitar a detecção) ou então foge o mais rápido possível. Trata-se de medo puro. Nenhum sorriso, pois isso não cabe nessas situações. O sorriso é um sinal intensamente social que mistura medo e desejo de aceitação. É um pouco a maneira como o cão o saúda, com as orelhas achatadas e o rabo encolhido, enquanto rola de costas e choraminga. Ele expõe a barriga e a garganta quando confia que você não o atacará nas partes mais vulneráveis de seu corpo. Ninguém confundiria o rolar de costas canino com um ato de medo, porque os cães muitas vezes se comportam dessa maneira quando abordam outro cão, como um movimento de abertura. Pode ser positivamente amistoso. A mesma coisa se aplica ao sorriso de macaco: ele exprime o desejo de boas relações. Por isso, Orange recebia esse sinal muitas vezes por dia, mas uma cobra nunca o receberia.

Certa vez, fiz amizade com a jovem macaca rhesus Curry, que vivia no mesmo bando de Orange, numa grande área ao ar livre, cercada por uma tela, através da qual eu tirava fotos. Como eu estava lá todos os dias, os macacos se acostumaram comigo. De início, claro que me



*image  
not  
available*



Não obstante, continuamos a simplificar o sistema de mensagens do corpo ao equiparar suas representações pictóricas estáticas com tristeza, felicidade, medo, raiva, surpresa ou nojo, conhecidas como emoções “básicas”. Não importa que, na maioria das vezes, cada estado emocional seja uma mistura de tendências separadas. Quando eu era criança, subi no telhado da nossa casa a fim de treinar para me tornar ajudante do Papai Noel holandês, um bispo barbudo que deixa cair presentes pelas chaminés. Obviamente ele não pode fazer esse trabalho sozinho. Sem me dar conta de que subir no telhado é muito mais fácil que descer, me encalacrei. Meu pai me repreendeu quando fui descoberto naquela situação precária. Sua reação parecia muito com raiva, com gestos ameaçadores, voz alta e rosto vermelho. Mas a raiva foi desencadeada pela apreensão e estava misturada com a esperança de que alguma boa disciplina me impedisse de ser tão estúpido de novo. Com certeza impediu! O que quero dizer é que toda demonstração de emoção precisa ser julgada num contexto mais amplo. Um único rótulo raramente é suficiente. Chamar o estado de meu pai de “raiva” não é justo se não mencionamos também amor e preocupação.

O mesmo desejo de simplificação se aplica às emoções animais, talvez até mais, porque gostamos de pensar que suas emoções devem ser mais simples que as nossas. Na verdade, o *Oxford Companion to Animal Behaviour* [Compêndio Oxford de comportamento animal], publicado em 1987, afirmava que não havia absolutamente nenhum motivo para estudar emoções animais, porque elas não nos dizem nada de novo e, além disso, “os animais estão restritos a apenas algumas emoções básicas”.<sup>14</sup> Sem uma ciência das emoções animais, pergunto-me como o autor chegou a essa conclusão. É um pouco como a velha alegação, repetida muitas vezes na bibliografia, de que temos centenas de músculos no rosto, muito mais do que qualquer outra espécie. Conforme a visão da *scala naturae*, supunha-se que, quanto mais



*image  
not  
available*



que revelamos do lado de fora pode muito bem ser a razão pela qual as expressões faciais evoluíram.

## **Isso foi engraçado!**

Certa vez assisti a uma palestra de um filósofo que estava perplexo diante dos aspectos não verbais da comunicação humana. Ele preferia a palavra escrita e falada, mas obviamente não conseguia contornar todas as caras e todos os gestos que fazemos. Por que precisamos de todos esses acompanhamentos, ele se perguntava, e, especialmente, por que são tão exagerados? Quando rimos de uma piada, por exemplo, perdemos o controle parcial sobre nosso corpo e produzimos uma enorme quantidade de *hahas* que podem ser ouvidos longe. Por que não podemos dizer simplesmente “Isso foi engraçado” e ficar por aí?

Imaginei a cena de um humorista num pequeno teatro contando a melhor piada de todos os tempos e as pessoas, em vez de caindo das poltronas às gargalhadas, todas quietas murmurando “Isso foi engraçado”. É óbvio que o humorista, sabendo que o nobre senso de humor da humanidade está irrevogavelmente casado com algo muito mais animalesco, se sentiria profundamente ofendido. O riso mostra como o corpo ocupa um lugar central em nossa existência, inclusive na vida mental. O riso une corpo e mente, fundindo-os num todo. Podemos sentir isso como perda de controle, porque gostamos que a mente esteja no comando. Como disse o crítico teatral John Lahr: “Observar o riso provocado tomar conta de uma plateia é presenciar um grande e violento mistério. Rostos em convulsão, lágrimas que correm, corpos que colapsam, não em agonia, mas em êxtase”.<sup>16</sup>

Quando rimos, enlouquecemos. Ficamos moles, nos apoiamos um nos outros, ficamos vermelhos e nossos olhos se enchem de lágrimas, a ponto de dissolver a linha divisória com o choro. Fazemos literalmente



*image  
not  
available*



totalmente relaxadas. Sabem que aquilo é só diversão. Uma vez que os sinais de brincadeira ajudam a interpretar o comportamento do outro, eles são conhecidos como metacomunicação: comunicam algo sobre a comunicação.<sup>21</sup> Da mesma forma, se me aproximo de um colega e dou um tapa no ombro dele com uma risada, ele perceberá o gesto de forma bem diferente do que faria se eu desse o tapa sem um som ou sem qualquer expressão no meu rosto. Meu riso transmite um metassinal a respeito da mão que o atingiu. Rir reformula o que dizemos ou fazemos, e tira o peso de comentários potencialmente ofensivos, e é por isso que o usamos o tempo todo, mesmo quando nada particularmente divertido está acontecendo.

O riso emite sinais não somente para os companheiros de brincadeira, mas também para o mundo exterior. Quando os outros veem ou ouvem o riso, sabem que está tudo bem. Os chimpanzés são espertos o suficiente para utilizar as risadas dessa maneira. Certa vez analisamos centenas de jogos de luta entre jovens chimpanzés para ver em quais momentos eles riam. Estávamos particularmente interessados em jovens com grande diferença de idade, já que os jogos deles costumavam ser brutos demais para os mais novos. Assim que isso acontecia, a mãe do mais novo entrava em cena, às vezes batendo na cabeça do companheiro de brincadeira. A culpa era sempre do mais velho! Descobrimos que, quando os jovens brincam com bebês, eles riem muito mais quando a mãe do bebê os observa do que quando estão sozinhos. Sob os olhos de uma mãe protetora, o riso projeta um clima alegre, como se dissesse: “Veja como estamos nos divertindo!”<sup>22</sup>

Se um grupo de pessoas ri e você não faz parte dele, você se sentirá excluído. O riso muitas vezes enfatiza o grupo de pertencimento à custa dos outros grupos. É uma forma tão poderosa de deboche e provocação que alguns propuseram que a hostilidade está em sua raiz. Essas teorias falam em “humor excludente” dirigido a pessoas de fora do grupo ou de



*image  
not  
available*



puxou a perna de outro. Este macho resistiu e tentou libertar o pé, sem parar de rir. Então o terceiro entrou na jogada, e em pouco tempo três grandes machos galopavam, batiam nas laterais do corpo um no outro e soltavam gargalhadas roucas, enquanto os pelos voltavam ao lugar. A tensão fora quebrada.

Aristóteles achava que o riso era o que diferenciava os seres humanos dos animais, e muitos psicólogos ainda duvidam que algum animal ria de alegria ou porque alguma coisa é engraçada. Sabe-se muito bem, no entanto, que os símios adoram comédias pastelão, provavelmente por causa de todos os contratemplos físicos. Quando uma pessoa de quem gostam caminha na direção deles e escorrega ou cai, sua primeira reação é de tensão preocupada, mas se a pessoa fica bem eles riem com aparente alívio, como fazemos em circunstâncias semelhantes. Já descrevi o riso de Mama quando descobriu que havia sido enganada por um ser humano com máscara de pantera. Reações similares podem ser vistas em bonobos. Há muito tempo, o recinto dos bonobos no Zoológico de San Diego tinha um fosso profundo e seco para separá-los do público. No lado dos bonobos, uma corrente de plástico pendia no fosso para que os macacos descessem e voltassem sempre que quisessem. Mas, quando o macho alfa Vernon descia, o adolescente macho Kalind às vezes puxava rapidamente a corrente para cima. Vernon ficava preso, enquanto Kalind olhava para ele com uma grande cara de riso e batia na lateral do fosso. Ele estava zombando do chefe. A única outra bonobo adulta presente normalmente corria para a cena a fim de resgatar o companheiro largando a corrente de volta, e ficava de guarda até que ele saísse.

Outra risada divertida foi filmada por pesquisadores de campo japoneses na África Ocidental. Um chimpanzé selvagem de nove anos de idade estava esmagando coquinhos com pedras, usando uma técnica comum de martelo e bigorna. Um por um, ele punha os coquinhos na



*image  
not  
available*



### 3. De corpo para corpo

#### *Empatia e compaixão*

MINHA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA com chimpanzés foi na faculdade, na Universidade Radboud, em Nijmegen, Holanda. Para ganhar alguns florins, assumi o posto de assistente de pesquisa num laboratório de psicologia. No primeiro dia, fiquei sabendo que o trabalho envolvia chimpanzés. Isso me pegou de surpresa, porque quem em sã consciência manteria símios no último andar de um prédio universitário, em meio a escritórios e salas de aula? As condições de vida estavam longe do ideal e nunca seriam permitidas hoje, mas me diverti muito conhecendo meus dois amigos peludos.

Todos os dias eu os testava em tarefas cognitivas que poderiam ser perfeitas para ratos, mas não eram adequadas para símios. Naquela época, os psicólogos ainda acreditavam em leis universais de aprendizado e inteligência e não se interessavam pelos talentos especiais de cada espécie. Nem mesmo o tamanho do cérebro importava para eles. Como B. F. Skinner, o fundador da escola behaviorista, disse sem rodeios: “Pombo, rato, macaco, qual é qual? Isso não importa”.<sup>1</sup> Agora, no entanto, sabemos que existem muitos tipos diferentes de inteligência, cada qual adaptada aos sentidos especiais e à história natural de uma espécie. Não se pode avaliar um símio ou um elefante da mesma maneira que se avalia um corvo ou um polvo. Grandes primatas, em particular, são seres pensantes que tentam entender cada problema que enfrentam. Eles perdem o interesse assim que descobrem a solução. Em comparação com alguns macacos rhesus testados no mesmo



*image  
not  
available*



encontrar amigos e parentes numa multidão, mesmo que só os vejamos de costas.

## **Sabedoria das eras**

Percebemos e interpretamos as emoções usando comunicação, empatia, coordenação e, em especial, lendo a linguagem corporal. Uma vez que é quase impossível para os pesquisadores estudarem como as pessoas percebem as emoções apenas pela observação, eles obtêm mais conhecimento a partir de experiências, geralmente aquelas que apresentam imagens em uma tela sensível ao toque. Os seres humanos são testados dessa maneira o tempo todo, mas isso é feito também com outras espécies.

Nossos chimpanzés ficam muito empolgados com esses estudos, talvez por causa do fascínio pelo feedback imediato da tela sensível ao toque, do mesmo modo como as crianças são atraídas pelos celulares. A maneira mais rápida de fazer com que os chimpanzés entrem no Prédio da Cognição em Yerkes, o que eles fazem de forma voluntária, é passar pelo recinto ao ar livre deles com um carrinho de serviço carregando um computador. Os chimpanzés explodem em guinchos e correm para as portas do prédio onde realizamos o teste, fazendo fila para entrar, ansiosos para passar uma hora no que para eles são diversão e jogos e para nós, testes cognitivos. Nem precisamos recompensá-los pelo desempenho: para eles, tocar imagens e solucionar quebra-cabeças é divertido por si só. Alguns chimpanzés se tornam competitivos: eles ouvem pelo som do monitor como estão se saindo (a solução correta produz um som mais feliz que o erro) e ficam aborrecidos quando ouvem um companheiro próximo se sair melhor que eles. É a melhor maneira de fazer com que se concentrem!



*image  
not  
available*



Vamos considerar a emoção do medo. Assim que vê uma cobra, um macaco fica terrivelmente amedrontado. Da mesma forma, você será tomado pelo medo se descer da calçada para a rua e um ônibus passar a centímetros de seu rosto. O medo faz o corpo congelar e tremer enquanto a frequência cardíaca aumenta, a respiração fica mais rápida, os músculos ficam tensos, os pelos ou as penas se arrepiam, e tem-se uma descarga de adrenalina. Tudo isso envia oxigênio ao cérebro e aos músculos para que se possa lidar melhor com o perigo percebido. O macaco precisa decidir se a cobra é perigosa ou inofensiva, e se o melhor que tem a fazer é escalar uma árvore, recuar, fugir ou lutar. Após ver o ônibus, você vai verificar o tráfego e decidir se é seguro atravessar ou se é melhor procurar a faixa de pedestre. As emoções têm sobre os instintos a grande vantagem de não ditarem comportamentos específicos. Os instintos são rígidos e semelhantes a reflexos, o que não é como a maioria dos animais funciona. Em contraste, as emoções concentram a mente e preparam o corpo, enquanto deixam espaço para experimentar e julgar. Elas constituem um sistema de resposta flexível, muito superior aos instintos. Com base em milhões de anos de evolução, as emoções “sabem” coisas sobre o ambiente que nós, como indivíduos, nem sempre sabemos conscientemente. É por isso que se diz que as emoções refletem a sabedoria das eras.

Voltando a Lisa Parr, ela decidiu medir a temperatura dos chimpanzés enquanto os testava. Ensinou-lhes pacientemente a esticar um dedo enquanto punha uma tira em torno dele e media a temperatura da pele. Em nossa espécie, durante a excitação negativa — como quando vemos coisas que nos incomodam ou nos amedrontam —, a temperatura da nossa pele diminui. Uma reação do tipo “lutar ou fugir” nos deixa com os pés frios, pois o sangue é retirado das extremidades. Em um episódio do programa de televisão *Caçadores de mitos*, sensores de calor foram colocados nos pés de pessoas que se

*image  
not  
available*



empatia é prejudicada quando o mimetismo facial é bloqueado, como quando os seres humanos seguram um lápis entre os dentes, para que os músculos da bochecha não se movam. Nossos rostos têm muito mais mobilidade do que pensamos, o que nos ajuda a nos conectar com os outros, imitando seus movimentos. Isso se tornou um problema para as pessoas em cujo rosto se injetou Botox. O relaxamento muscular as impossibilita de espelhar o rosto dos outros, o que as impede de sentir o que os outros sentem. Pessoas com Botox podem parecer maravilhosas, mas elas têm dificuldade com a empatia. E o problema não está apenas em como elas se relacionam com os outros, mas em como os outros se relacionam com elas. Rostos com Botox parecem congelados e perdem o fluxo de microexpressões utilizadas nas interações diárias. A falta de resposta facial faz com que os outros se sintam isolados, rejeitados até.<sup>12</sup>

O ceticismo inicial da ciência sobre esses processos corporais agora nos parece estranho. Quem não chorou quando os outros choraram, riu quando os outros riram ou pulou de alegria quando os outros pularam? Sentimos o que os outros sentem ao tornar nossas as posturas, os movimentos e as expressões deles. A empatia salta de corpo para corpo.

## **Macaco vê, macaco faz**

Em 1904, o romancista russo, Liev Tolstói publicou uma história infantil cujo início é chocante: “Animais selvagens estavam em exposição em Londres. Para vê-los, as pessoas tinham de pagar em dinheiro, ou trazer cães e gatos que eram jogados para os animais selvagens comerem”.<sup>13</sup> Na história, um cãozinho aterrorizado é empurrado para dentro da jaula de um leão feroz.

Hoje multidões protestariam furiosamente do lado de fora dos portões da exposição. As atitudes mudaram tanto que a maioria de nós ficaria horrorizada, incapaz de assistir ao espetáculo. Isso é revelador: eu

*image  
not  
available*



situação dos outros se torna a deles. Por fim, depois de uma longa espera, o bebê de May surgiu e o grupo se agitou. Um chimpanzé gritou e outros se abraçaram, mostrando o quanto todos tinham sido tocados pelas emoções do momento.

Às vezes os chimpanzés se identificam uns com os outros por diversão. Certa vez, nossos chimpanzés jovens jogaram durante algumas semanas o divertido jogo de perseguir um macho adulto machucado. O macho não fazia o típico jeito de andar com as articulações dos dedos (apoiando o peso frontal nos nós dos dedos), mas sim apoiando-se num pulso dobrado para proteger os dedos mordidos. Em fila indiana atrás dele, os jovens mancavam de modo tão patético quanto esse infeliz macho, parecendo haver sido feridos também. Chimpanzés selvagens na floresta de Budongo, em Uganda, também ficaram fascinados com um deles que se movia de maneira incomum. Macho de quase cinquenta anos, Tinka tinha as mãos gravemente deformadas e os pulsos paralisados, o que significava que não conseguia nem se coçar. Tinka desenvolveu uma técnica de se coçar parecida com a maneira como esticamos uma toalha entre as mãos para secar nossas costas. Ele esticava um cipó com o pé, depois esfregava a cabeça e o corpo de lado contra a planta. Era um procedimento esquisito — os chimpanzés fisicamente capazes não precisariam daquilo. No entanto, vários jovens se esfregavam regularmente contra cipós puxados para esse fim, exatamente como Tinka.<sup>14</sup>

Plutarco disse: “Se você vive com um aleijado, aprenderá a mancar”. A locomoção solidária é conhecida de nossos animais de estimação. Poucos dias depois de um bom amigo meu quebrar a perna, seu cachorro começou a arrastá-la. Nos dois casos, era a perna direita. O cão coxeou por semanas, mas aquilo desapareceu milagrosamente quando meu amigo tirou o gesso. Isso só é possível porque os cães, como muitos mamíferos, estão perfeitamente sintonizados com os corpos dos outros.

*image  
not  
available*



empáticos em outras medidas, e as mulheres — que em média obtêm uma pontuação mais alta do que os homens em empatia — são mais sensíveis aos bocejos dos outros. Por outro lado, crianças com déficits de empatia, como aquelas com transtorno do espectro autista, muitas vezes não sofrem o contágio do bocejo. Esse conhecimento levou a vários estudos para ver como e quando “pegamos” o bocejo dos outros e se outros animais fazem o mesmo. Agora sabemos que cães e cavalos bocejam em resposta a bocejos humanos — os cachorros fazem isso mesmo que só *escutem* o dono bocejar —, e que os bocejos costumam se espalhar entre os macacos de um grupo.

Ensinamos nossos chimpanzés a pôr o olho num buraco de um balde para ver um iPod do outro lado. Desse modo, poderíamos testar sua reação particular a vídeos de símios bocejando. Assim que viram os bocejos, eles começaram a bocejar como loucos. Porém só faziam isso se conheciam pessoalmente os símios mostrados nos vídeos. Vídeos de estranhos não os interessavam. Então, não era apenas uma questão de ver uma boca aberta e próxima: eles precisavam se identificar com o chimpanzé que viam bocejar no vídeo.<sup>19</sup> O mesmo papel da familiaridade é conhecido entre os seres humanos. Um estudo de campo secreto feito em restaurantes, salas de espera e estações de trem descobriu que, se um homem fica ao lado de sua esposa e ela boceja, ele bocejará junto com ela. Mas se ele ficar ao lado de um estranho que boceja não será afetado. As reações empáticas são sempre mais fortes quanto mais temos em comum com o outro e quanto mais próximos nos sentimos dele.<sup>20</sup>

Terminemos a história de Tolstói sobre o leão e o cachorrinho. Ao encontrar o grande felino, o pobre cãozinho logo rolou de costas enquanto abanava a cauda freneticamente. Esse ato de rendição deve ter apaziguado o leão, porque ele se absteve de atacar. Não só isso, mas os dois se tornaram grandes amigos. Embora isso possa parecer

*image  
not  
available*



invariavelmente egoísta teve uma morte inglória. A ciência confirmou que a cooperação é a primeira e mais importante inclinação da nossa espécie, pelo menos a cooperação com os membros do grupo de pertencimento, tanto que um livro sobre o comportamento humano de Martin Nowak, publicado em 2011, tinha por título *SuperCooperators: Altruism, Evolution, and Why We Need Each Other to Succeed* [Supercooperadores: altruísmo, evolução e por que precisamos um do outro para ter sucesso]. Quando as pessoas que participaram de um experimento de neuroimagem tiveram escolha entre uma opção egoísta e uma opção altruísta, a maioria optou pela segunda. Elas preferiam a escolha egoísta se houvesse boas razões para evitar a cooperação.<sup>23</sup> Muitos estudos corroboram essa visão, dizendo que tendemos a ser gentis e abertos aos outros, a menos que algo nos detenha. Às vezes brinco que deve ser por isso que Ayn Rand, a romancista e aspirante a filósofa russo-americana, precisava daqueles volumes pesados tão entediantes, cheios de personagens frios, para defender sua posição. O argumento principal dela é que somos individualistas absolutos, mas ela teve de se esforçar muito para nos convencer, porque no fundo todos sabem que não somos assim. Em vez de uma descrição de nossa espécie, Ayn Rand ofereceu uma construção ideológica contraintuitiva.

O modo de vida padrão do primata humano é intensamente social, como mostram nossas atividades favoritas, desde assistir a jogos esportivos e cantar em coros até festejar e sociabilizar. Uma vez que derivamos de uma longa linhagem de animais que vivem em grupo, que sobreviveram ajudando uns aos outros, essas tendências são inteiramente lógicas. Andar sozinho nunca funcionou para nós.

Nadia Ladygina-Kohts forneceu um exemplo típico da natureza propensa ao social de nossos parentes primatas, incluindo a atração pelos sinais de aflição, em seu chimpanzé adotivo, Joni:

*image  
not  
available*



orelhas, às vezes urinavam e defecavam durante o gorjeio. E se posicionavam num círculo protetor ao redor dela.

Josh encontrou amplas provas de contágio emocional e consolação nesses paquidermes.<sup>28</sup> No entanto, muitas pessoas consideram sua existência tão evidente que às vezes lhe perguntavam por que seus estudos eram necessários. Todo mundo não sabe que os elefantes têm empatia? De certa forma, fico feliz ao ouvir essa pergunta, porque mostra como a ideia de empatia animal se tornou bem estabelecida. Mas a ciência progride em meio a um enorme ceticismo, e quem se lembra da feroz resistência a essa ideia, como eu certamente lembro, percebe que, sem dados sólidos, ela nunca teria se consolidado. Mas definitivamente isso aconteceu, da mesma forma que agora aceitamos que o coração bombeia sangue e que a Terra é redonda. Não podemos nem imaginar que as pessoas costumavam pensar de outra forma.

Contudo, mesmo depois de chegar a esse ponto em relação à sensibilidade emocional dos mamíferos, ainda precisamos de estudos para aprender como ela funciona e em quais circunstâncias encontra expressão, porque a empatia nunca é a única opção. Mae Perm, por exemplo, não deixava de se aproveitar da cegueira de Jokia para roubar a comida dela.

Compreender a deficiência do outro também oferece maneiras de explorá-la.

## **O bom e o mau**

Paradoxalmente, a razão pela qual os seres humanos podem ser tão incrivelmente cruéis uns com os outros está relacionada à empatia. A definição típica de empatia — sensibilidade para as emoções dos outros, compreensão da situação de alguém — não diz nada sobre ser bom para o outro. Tal como a inteligência ou a força física, trata-se de uma

*image  
not  
available*



durante o estresse. Nesse minúsculo roedor, machos e fêmeas estão ligados uns aos outros no que é conhecido como vínculo de casal monogâmico e criam seus filhotes juntos. Se um parceiro está perturbado por alguma coisa, o outro é afetado no mesmo grau. Isso acontece até quando o outro não está presente durante o evento estressante. Mais tarde, o nível de corticosterona — um hormônio do estresse — no sangue do macho combina perfeitamente com o de seu cônjuge e vice-versa, indicando um forte vínculo emocional. James descobriu ainda que os casais se cuidam mutuamente mais se um deles está estressado, e que essa atividade os acalma. Por outro lado, se forem imunizados contra os efeitos da oxitocina, eles não reagem ao estresse do outro, sugerindo que a oxitocina é fundamental. Isso faz com que a empatia do arganaz seja fundamentalmente semelhante à empatia humana, também no cérebro.<sup>34</sup>

O contágio emocional humano foi testado da mesma forma que o dos ratos, pela medição dos hormônios do estresse. Como a pessoa mediana morre de medo de falar em público, os participantes de um estudo foram solicitados a dirigir-se a uma plateia. Depois disso, pediu-se que todos eles cuspissem em um copo, o que permitiu aos cientistas coletarem um hormônio associado à ansiedade. Eles descobriram que, com palestrantes seguros, o público seguia cada palavra, sentindo-se relaxado, mas com os nervosos, o desconforto do palestrante contagiava a plateia. Os níveis hormonais dos palestrantes e do público convergiram da mesma maneira que entre os casais de ratazanas.<sup>35</sup> Essas semelhanças sugerem o que os biólogos chamam de *homologia*, ou traços derivados de um ancestral comum. Da mesma forma que nossas mãos são homólogas às mãos dos primatas, a empatia dos mamíferos é homóloga entre espécies, pois funciona da mesma maneira e tem uma origem evolutiva comum.

*image  
not  
available*



seguem em total silêncio uma vítima do outro lado da fronteira para surpreendê-la numa árvore frutífera, e então mordem e batem horripelmente no inimigo até reduzi-lo a uma pasta, e depois o deixam ali para morrer. Testemunhei violência semelhante em cativeiro, que uma vez incluiu até a castração; na época, se especulou que havia sido um acidente ou resultado das condições de vida. Mas agora está bem estabelecido que chimpanzés machos selvagens fazem a mesma coisa. Na verdade, o ataque horrível que vi parece bastante normal para a espécie. Em vez de considerar a morte e a castração como subprodutos infelizes do combate entre machos, agora tento ver ambas as coisas como intencionais. Uma vez que esses animais são capazes de se preocupar com os outros com base numa compreensão da situação deles, por que não supor também que eles podem matar por matar, e, portanto, são capazes de assassinar?

Quando os críticos citam esse tipo de selvageria para desacreditar a ideia de empatia entre os chimpanzés (“Você sabe que esses caras se matam uns aos outros, certo?”), chamo a atenção para a nossa bela espécie. Ninguém jamais argumenta contra a capacidade humana de empatia alegando que, em certas circunstâncias, as pessoas matam. Nossas atitudes variam de acordo com a situação, dando-nos a honra de ser tanto o animal mais gentil quanto o mais maligno do mundo. No entanto, não vejo muita contradição, porque preocupação e crueldade têm mais em comum do que pensamos. São dois lados da mesma moeda.

No século III, Tertuliano de Cartago, um teólogo cristão, teve uma visão muito incomum do céu. Enquanto o inferno era um lugar de tortura, o céu era uma sacada da qual os salvos podiam observar o inferno, deleitando-se assim com o espetáculo das almas condenadas fritando ao fogo. Que ideia esquisita! Para muitos de nós, é quase mais difícil observar o sofrimento dos outros do que sofrermos nós mesmos.

*image  
not  
available*



Acontece que vários jovens bonobos haviam saltado para dentro do fosso seco, mas não conseguiram sair. Se a água fosse ligada como planejado, eles teriam se afogado, porque os símios não nadam. Os cuidadores providenciaram uma escada e, com ajuda humana, todos os bonobos saíram do fosso, exceto o menor, que foi puxado pelo próprio Kakowet. A frenética intervenção de Kakowet indica que ele percebeu que o suprimento de água era controlado e quem o controlava, e que encher o fosso teria consequências desastrosas. Ele agiu antes que surgisse qualquer emergência.

Há indivíduos que às vezes levam água ou comida para companheiros do grupo que estão envelhecendo. Na nossa colônia de chimpanzés, Peony, uma fêmea velha com artrite, em alguns dias mal conseguia andar, nem para ir até a torneira. Fêmeas mais jovens iam até lá, enchiam a boca de água e a levavam para Peony. Ela abria bem a boca, na qual as outras cuspiam um jato de água. Em outras ocasiões, uma fêmea mais jovem ajudava Peony a juntar-se a um grupo de chimpanzés que se catavam na estrutura de escalada, pondo as duas mãos em seu amplo traseiro e empurrando-a para cima. Em outro caso, na natureza, uma fêmea velha que perdera a capacidade de subir em árvores recebia frutos da filha, que descia com as mãos cheias deles.

No ChimpHaven, um santuário na Louisiana que apoio e com o qual trabalho, os chimpanzés vivem em enormes ilhas cobertas de vegetação. Eles se “aposentaram” de laboratórios de pesquisa, o que significa que são muitas vezes ingênuos em relação a relva, árvores e ar livre. Os chimpanzés com experiência ensinam aqueles que não a têm. Certa vez, uma fêmea chamada Sara salvou a amiga Sheila de uma cobra venenosa. Sara viu a cobra primeiro e souou o grito de alarme, para que todos soubessem. Mas Sheila correu para dar uma olhada, e Sara teve de segurá-la pelo braço, arrastando-a vigorosamente para longe. Enquanto cutucava a cobra com uma vareta para testá-la, Sara continuou

*image  
not  
available*



*image  
not  
available*

apenas os seres humanos se importam com os outros fracassou. Os chimpanzés são seres complexos, que variam de comportamento o tempo todo. Não sei de uma única tarefa que eles desempenhem à perfeição, mesmo que saibam perfeitamente como ela funciona. Os seres humanos não são diferentes: nosso desempenho também varia com as circunstâncias, os humores, a atenção e os parceiros. Ao ler sobre a escolha pró-social humana, encontramos exatamente a mesma variabilidade que entre os chimpanzés. Crianças de sete a oito anos, por exemplo, são pró-sociais apenas três quartos do tempo, o que significa que fazem escolhas egoístas em um quarto do tempo. Outros estudos sugerem a mesma coisa. Tal como os chimpanzés, os humanos nunca são perfeitamente pró-sociais.<sup>43</sup>

No Japão, Shinya Yamamoto realizou um teste em que os chimpanzés poderiam ajudar-se uns aos outros, mas somente se adotassem a perspectiva do outro. Seus resultados foram semelhantes aos já relatados sobre a compreensão dos chimpanzés quando outros precisam de comida ou água, ou estão prestes a tomar uma atitude burra em relação a uma cobra. Yamamoto pôs esse tipo de assistência perspicaz sob controle experimental. Ele deu a uma fêmea duas maneiras de obter suco de laranja: ela precisaria de um ancinho para trazer o recipiente para perto ou precisaria de um canudo para sugar o suco. Mas ela não tinha ferramentas disponíveis para nenhuma das opções. Ao lado dela, em uma área separada, estava outro chimpanzé que tinha um conjunto completo de ferramentas. Depois de dar uma olhada no problema dela, ele selecionou a ferramenta certa para a tarefa e a entregou à vizinha através de uma pequena janela. Se ele não fosse capaz de ver a situação dela, teria pegado ferramentas aleatoriamente, indicando que não tinha ideia do que ela precisava. Assim, os chimpanzés não só auxiliam prontamente os outros como são capazes de levar em conta as necessidades específicas deles.<sup>44</sup>



*image  
not  
available*

espécies sem saber por quê, ou que os animais acasalam inconscientes de suas consequências reprodutivas, a natureza está repleta de benefícios evoluídos que não fazem parte da motivação. Do ponto de vista psicológico, os animais podem ser perfeitamente altruístas. Se arranharmos Washoe, a chimpanzé que resgatou a fêmea que estava se afogando, ou Mae Perm, a elefanta que guiava sua amiga cega, é improvável que vejamos hipócritas sangrando. Em vez disso, descobriremos duas almas gentis, altamente sensíveis à situação difícil dos outros.

No entanto, os estudiosos continuam obcecados com motivos egoístas, simplesmente porque tanto a economia quanto o behaviorismo os doutrinaram dizendo que os incentivos motivam tudo o que os animais ou os seres humanos fazem. Eu não acredito em uma palavra disso, e um recente e engenhoso experimento com crianças mostra por quê. O psicólogo alemão Felix Warneken pesquisou como jovens chimpanzés e crianças ajudam os adultos humanos. O pesquisador estava usando uma ferramenta, mas a deixou cair no meio do trabalho: eles a pegariam? As mãos do pesquisador estavam cheias: abririam um armário para ele? Ambas as espécies fizeram isso de forma voluntária e com entusiasmo, mostrando que entendiam o problema dele. Mas, depois que Warneken começou a recompensar as crianças por sua ajuda, elas se tornaram *menos* úteis. As recompensas, ao que parece, as desviaram de compadecer-se do pesquisador desajeitado.<sup>50</sup> Estou tentando entender como isso funcionaria na vida real. Imagine que toda vez que eu oferecesse uma ajuda a um colega ou vizinho — segurar uma porta aberta ou pegar a correspondência deles — eles enfiassem alguns dólares no bolso da minha camisa. Eu ficaria profundamente ofendido, como se eles dissessem que tudo o que me importava era dinheiro! E isso certamente não me estimularia a fazer mais por eles. Eu poderia até começar a evitá-los por serem manipuladores demais.



É curioso pensar que o comportamento humano é inteiramente motivado por recompensas tangíveis, uma vez que na maior parte do tempo as recompensas não estão à vista. Quais são as recompensas para alguém que cuida de um cônjuge com Alzheimer? Que recompensas alguém recebe por enviar dinheiro para uma boa causa? Recompensas internas (sentir-se bem) podem muito bem entrar em jogo, mas elas só funcionam através do melhoramento do estado do outro. Elas são o modo natural de nos certificarmos de que nos orientamos para o outro, em vez de nos orientarmos para nós mesmos. Se chamarmos isso de egoísmo, a palavra perde todo o significado. Quando se trata de outras espécies, a noção de que tudo o que elas buscam é ganho próprio também é um insulto à sociabilidade delas.

Os seres humanos evoluíram para reverberar os estados emocionais dos outros, a ponto de internalizarmos, principalmente através de nossos corpos, o que está acontecendo com eles. Isso é conectividade social na sua melhor expressão, a cola de todas as sociedades animais e humanas, o que garante uma companhia solidária e reconfortante.

## 4. Emoções que nos tornam humanos

*Nojo, vergonha, culpa e outros desconfortos*

A RAINHA VITÓRIA PODE TER FICADO enojada com os símios que conheceu no Zoológico de Londres, mas o que dizer dos próprios símios? Os animais alguma vez sentem nojo? E do quê? Quando os cães lambem os testículos, comem fezes ou rolam na lama fedorenta, supomos que eles não têm nenhuma sensação de vergonha ou nojo. Mas o mesmo argumento poderia se aplicar aos nossos próprios hábitos. Gostamos de comer laranjas e espremer limões frescos, por exemplo, mas assim que oferecemos uma fruta cítrica ao nosso cão (não recomendado) vemos uma reação de total repugnância, com lábios dobrados, baba e recuo diante do cheiro ácido. Uma fruta que consideramos saudável é revoltante para outra espécie. Será que os cães se perguntam se os seres humanos conhecem o nojo?

Reações de repulsa são comuns nos símios. Na nossa colônia de chimpanzés em Yerkes, a sempre intrépida Katie estava uma vez cavando a terra debaixo de um grande pneu de trator quando puxou algo enroscado. Ela emitiu “huus” suaves de alarme e manteve o objeto longe de si, segurando-o entre os dedos indicador e médio, do modo como as pessoas seguram um cigarro. Primeiro ela o cheirou, depois se virou e o mostrou para os outros, inclusive para sua mãe, segurando-o no alto com o braço estendido, como se dissesse “Deem uma olhada nisso!”. Era provavelmente um rato morto coberto de vermes. Sua mãe emitiu um par de “uoaous”\* barulhentos.



Reconhecendo o valor dramático desses objetos, Tara, a prima mais moça de Katie, desenvolveu o hábito maroto de carregar o cadáver de um rato pela cauda, tomando cuidado para mantê-lo longe do próprio corpo, e sub-repticiamente colocá-lo nas costas ou na cabeça de um companheiro de grupo que estivesse dormindo. Sua vítima pulava assim que sentia o toque (ou o cheiro) do animal morto, gritava alto e balançava descontroladamente o corpo para afastar aquela coisa repugnante. Podia até esfregar o corpo com um punhado de grama, para ter certeza de que o cheiro havia sumido. Por sua vez, Tara rapidamente pegava o rato e seguia para o próximo alvo. Afora a questão de saber por que Tara considerava a brincadeira divertida, e por que nós humanos percebemos imediatamente seu valor humorístico, meu interesse nisso está na emoção de nojo, que tem uma reputação controversa.

Por um lado, o nojo é considerado primitivo do ponto de vista da evolução. Por basear-se muitas vezes no cheiro e servir para evitar a ingestão de alimentos prejudiciais (as frutas cítricas são venenosas para os cães), o nojo é considerado uma emoção básica, às vezes até a “primeira” emoção. Por outro lado, uma bibliografia crescente sobre o nojo considera-o uma sensação caracteristicamente humana, culturalmente construída, usada para desaprovação moral e coisas do gênero. Por exemplo: o neurocientista norte-americano Michael Gazzaniga, em *Human: The Science Behind What Makes Us Unique* [Humano: a ciência por trás do que nos torna únicos], classifica o nojo como um dos cinco módulos emocionais que nos distinguem de todos os outros animais.

Tara não deve ter lido este livro.





O nariz franzido ou torcido de nojo é uma expressão humana universal, combinada geralmente com olhos estreitados e sobrancelhas franzidas (*à dir.*). É uma reação a comida malcheirosa ou a outras situações desagradáveis, mas também expressa desaprovação diante de um mau comportamento humano. Os chimpanzés têm a mesma expressão, como a chamada “cara de chuva” (*ao centro*; comparar com a expressão descontraída, *à esq.*).

## Um cavalo sedento

Para quem se perguntava sobre quais emoções nos tornam humanos, eu costumava ficar com as mais constrangedoras, como vergonha e culpa, embora percebesse que alguns colegas iam muito além disso. Eles argumentavam que os animais possuem apenas um punhado de emoções, nunca as misturam e não as sentem como nós. Mas tudo isso é pura especulação — como a que levou José Ortega y Gasset a afirmar, do nada, que o chimpanzé difere de nós porque acorda todas as manhãs como se nenhum chimpanzé tivesse existido antes dele. O filósofo espanhol estava sugerindo que todo chimpanzé acha que foi criado da noite para o dia? Por que dizer uma coisa dessas? Em seu desejo de separar os humanos dos outros animais, pesquisadores sérios apresentam as propostas mais malucas, algumas inventadas, outras não



verificáveis. Devemos ter muitíssima cautela com essas ideias, incluindo aquelas que dizem respeito ao que os animais sentem ou não sentem.

Não obstante, eu estava disposto a sacrificar a vergonha e a culpa no altar da religião do “somente os seres humanos têm X” que ainda reina nos círculos acadêmicos. Eu pensava que ambas as emoções exigem um nível de autoconsciência de que outras espécies poderiam carecer. Não tenho mais tanta certeza. Cada vez mais acredito que todas as emoções com as quais estamos familiarizados podem ser encontradas de um jeito ou de outro em todos os mamíferos, e que a variação ocorre apenas nos detalhes, nas elaborações, nas aplicações e na intensidade. Parte do problema é a linguagem humana. Podemos achar que é uma enorme vantagem descrever o que sentimos, mas trata-se de uma bênção controversa, que cria um grande problema para o estudo das emoções.

Tudo começou com a rotulagem das expressões faciais feita por Paul Ekman, que apresentava aos participantes de sua pesquisa fotografias de um rosto e lhes perguntava se ele indicava “raiva”, “tristeza” ou “alegria”. Ao ver a foto de uma mulher rindo, escolhe-se sem hesitação “alegria”. Feita em todo o mundo, a pesquisa mostrou que as pessoas concordam com um conjunto limitado de emoções. Tudo isso parece perfeitamente lógico e informativo. Mas e se não oferecermos aos participantes rótulo algum para trabalhar e lhes pedirmos apenas para identificar a emoção com suas próprias palavras? E se lhes dermos uma lista de rótulos que exclua os mais óbvios, eles mudarão para alguma alternativa? E o que dizer de fotos de rostos tiradas em condições imperfeitas de luz? Os atores fazem caras estereotipadas, como uma risada que não pode ser confundida com outra coisa. Mas “na natureza” os seres humanos fazem caras que são muito menos estereotipados, mais fugazes, muitas vezes de baixa intensidade. Nós apresentamos expressões sutis enquanto olhamos para longe, mastigamos comida, piscamos os olhos, nos sentamos no escuro e assim por diante. Depois



de muitas pesquisas adicionais, não está mais tão claro como interpretarmos as expressões faciais. Dada a liberdade de descrever o que veem, os pesquisados nem sempre julgam segundo o padrão. Há algumas imagens sobre as quais a maioria concorda, mas o resultado não é tão homogêneo quanto se pensava.<sup>1</sup>

Além disso, a rotulagem das emoções é um exercício que não faz sentido, porque elas existem fora da linguagem. Ao conversar com um bom amigo enquanto tomamos uma xícara de café num terraço ensolarado, eu reagirei em milésimos de segundo a cada movimento facial ou corporal que ele faz sem precisar procurar em minha mente por uma palavra que acompanhe a reação. Os seres humanos reagem constantemente à linguagem corporal um do outro, num fluxo, ou “dança”, de movimentos coordenados. Enquanto meu amigo fala, levanto as sobrancelhas, reviro os olhos, murmuro “hummm” ou “tsc”, e indico com movimentos sutis de músculos ao redor de meus olhos e de minha boca que concordo, discordo, simpatizo, aprovo, acho divertido, estou surpreso e assim por diante. As minhas pupilas dilatam-se em sincronia com as do meu amigo e a minha postura corporal com muita frequência combina com a dele. Mas se você me perguntasse depois que tipo de cara meu amigo mostrou, talvez eu não soubesse ou nem sequer me importasse, porque a rotulagem verbal não faz parte da comunicação emocional. A linguagem nos ajuda a discutir sentimentos, mas não desempenha grande papel no modo como eles são gerados, expressos ou sentidos. No entanto, a pesquisa moderna sobre emoções colocou a linguagem na frente e no centro.

Depois, há o contexto das expressões faciais. Ao ver uma foto ampliada da tenista Serena Williams com a boca aberta e os dentes à mostra, você pensa que ela está brava com seu oponente. Mas a adversária é sua irmã, Venus, a quem ela ama muito e acabou de vencer numa partida, o que significa que ela provavelmente está em êxtase e



pode estar gritando triunfante. Essa diferença, fundamental, é difícil de perceber a partir somente de um close-up. Ou então vemos uma mulher de olhos marejados, mas não sabemos se são lágrimas de alegria num casamento ou lágrimas de tristeza num funeral. O tio Joe está mostrando os dentes na foto numa tentativa de sorrir ou porque está se esforçando para tirar a rolha de uma garrafa de vinho?

A ideia de que julgamos melhor as faces no seu contexto foi levada ao extremo pela psicóloga norte-americana Lisa Feldman Barrett, que afirma que as emoções são uma construção mental. Em vez de nascermos com um conjunto de emoções bem definidas, marcadas por assinaturas corporais claras, ela argumenta que o que sentimos se resume a como avaliamos a situação em que nos encontramos. Sua posição entra em choque com a dos cientistas que acreditam nas seis emoções básicas de Ekman como alicerce de tudo. A escola de emoções básicas adora rótulos simples para emoções reconhecíveis, enquanto Lisa Barrett se impressiona com a variabilidade de como julgamos nossos sentimentos, o que nem sempre fica claro na forma como os expressamos.

As pessoas sorriem quando estão tristes, gritam quando estão felizes e até riem enquanto sentem dor. Em uma cena popular da década de 1970 do programa *Mary Tyler Moore Show*, Mary não consegue parar de rir em um funeral, embora (ou talvez precisamente porque) ela saiba que aquilo é inadequado. Porém, o fato de o que é expresso externamente não combinar perfeitamente com o que é sentido internamente não significa que um ou outro sejam suspeitos. Não há grande contradição entre assumir expressões faciais humanas universais, compreendidas em todo o mundo, e reconhecer a ausência de uma correspondência unívoca entre expressões e sentimentos. Os dois nem sempre concordam e não precisam concordar.



Pela mesma razão, rejeito a noção de que não estamos autorizados a falar de emoções animais, pois não podemos saber o que eles sentem. Um paladino do estudo do medo, que ensinou ao mundo que o medo passa através da amígdala, recentemente ficou tão empolgado com essa ideia que, de repente, se recusa a falar em “medo” nos ratos que estudou durante toda a sua vida. O neurocientista norte-americano Joseph LeDoux fez abundantes comparações entre ratos assustados e fobias humanas, usando muitas vezes as palavras “rato” e “medo” na mesma frase; agora, porém, ele nos pede para evitar qualquer alusão a emoções animais, porque a terminologia emocional não pode ser empregada sem implicar que os ratos sintam o mesmo que nós. Além disso, LeDoux supõe que, uma vez que temos dezenas de palavras diferentes relacionadas ao medo (“fobia”, “ansiedade”, “pânico”, “preocupação”, “pavor” etc.), e já que os ratos não têm todas essas palavras ou nenhuma, é impossível que eles experimentem tantas nuances de emoção quanto nós.<sup>2</sup>

Esse argumento, que postula que a linguagem está na raiz das emoções, me faz lembrar de um encontro durante uma oficina sobre comportamento sexual, na qual antropólogos pós-modernos depositavam mais confiança na linguagem do que no método científico. Os sentimentos não podem ser sentidos sem palavras, diziam eles, e chegam a ponto de afirmar que é impossível para os povos cuja língua não tem uma palavra para “orgasmo” sentir qualquer prazer sexual. Essa afirmação sem base perturbou tanto os cientistas presentes que começamos a circular pequenos bilhetes uns para os outros com perguntas do tipo “Se um povo não tem uma palavra para oxigênio, ele pode respirar?”. As emoções obviamente precedem a linguagem tanto na evolução quanto no desenvolvimento humano, logo a linguagem não pode ser tão importante. Ela é anexada. Tudo o que ela faz é rotular estados interiores, mas quem diz que isso nos ajuda a distingui-los? A



língua alemã tem duas palavras diferentes para raiva e repugnância, enquanto a língua maia iucateca, do México, abrange ambas as emoções com uma única palavra, mas pessoas das duas culturas são igualmente boas em distinguir rostos que expressam raiva ou desgosto. O conhecimento das emoções vai claramente além das palavras.<sup>3</sup>

Mas LeDoux ficou com tanto medo do termo “medo” que agora nega essa emoção em seus ratos. Em vez disso, ele lhes concede “circuitos de sobrevivência” no cérebro que os fazem reagir diante de ameaças existenciais. Estou bastante familiarizado com esse argumento, porque a etologia (a escola europeia de comportamento animal em que me formei) preferia interpretações funcionais semelhantes. Ela não queria conversa com os processos internos. Meus professores de etologia literalmente faziam cara de nojo — uma expressão emocional compartilhada com outros animais! — assim que a palavra “emoção” surgia em relação aos animais. Eles se sentiam muito mais confortáveis com histórias funcionais sobre como um determinado comportamento auxilia a sobrevivência.

Voltando às emoções dos ratos, sempre soubemos que emoções e sentimentos são coisas diferentes. As emoções são expressas corporalmente, portanto observáveis, enquanto os sentimentos são privados. Nada de novo nisso. Então, por que só agora ouvimos que, como não sabemos o que os ratos sentem, é melhor evitar qualquer conversa sobre suas emoções? E por que não estender o mesmo argumento ao nosso próprio comportamento? Podemos ter muitas palavras para medo, mas isso realmente nos ajuda a entender esse estado nos outros? Sabemos o significado exato de todas essas palavras, e elas abrangem adequadamente o que está sendo sentido? O nosso vocabulário está à altura da tarefa? Se eu perguntar como você se sentiu a respeito da morte de seu pai, por exemplo, você pode me dizer que estava “triste”, mas isso realmente me permite entender seus



sentimentos? Eu não posso entrar em você. Quem diz que sua tristeza é como a minha tristeza, e quem diz que a sua não estava misturada com alívio, ou talvez raiva, ou algum outro sentimento que você preferiria não mencionar? Pode até ser que houvesse emoções envolvidas que você não admitisse para si mesmo.

As emoções costumam ficar subconscientes. Quando era estudante, eu estava prestes a fazer meu primeiro voo de avião para ver orangotangos na floresta tropical de Sumatra, na Indonésia. Você pode pensar que eu estava preocupado com cobras e tigres, ou talvez com os milhões de sanguessugas que rastejam pelo chão da floresta, mas eu ansiava muito por minha primeira viagem tropical. Ou pelo menos pensei que era isso. Porém, quanto mais perto estava a data da viagem, mais eu tinha problemas de barriga. Eu não sabia de onde eles vinham, mas tive um nó no estômago por semanas, inclusive no dia em que entrei no avião. No entanto, meus sintomas desapareceram milagrosamente assim que o avião pousou em Medan. Um dia depois, cheguei à selva em excelente humor e tive uma ótima estada. Em retrospecto, concluí que estava morrendo de medo da viagem de avião, mas reprimira o sentimento, pois isso interferiria no meu sonho de ver orangotangos selvagens. Não creio que seja o único sentimento que força o córtex pré-frontal a bloquear a consciência de emoções inconvenientes. O que os seres humanos nos dizem sobre seus sentimentos é com frequência incompleto, às vezes claramente errado e sempre modificado para consumo público.

Como se isso não fosse problema suficiente, até as melhores e mais precisas descrições não me fazem sentir o que você sente. Os sentimentos são experiências privadas, podemos falar tudo o que quisermos sobre eles, mas permanecem privados. Portanto, duvido que eu conheça melhor os sentimentos de meus semelhantes do que os sentimentos dos animais com quem trabalho. Pode parecer-me mais



fácil inferir a partir dos seus sentimentos que dos de um chimpanzé, mas como eu teria certeza? A menos, claro, que presumamos que os animais não têm sentimentos. Nesse caso, poderíamos seguir a proposta de LeDoux e evitar por completo a implicação de emoções sentidas. Mas trata-se de uma posição altamente irracional, dada a similaridade com que as emoções se manifestam em corpos animais e humanos, e como os cérebros de todos os mamíferos são parecidos até nos detalhes dos neurotransmissores, da organização neural, do suprimento de sangue e assim por diante. Seria como dizer que tanto cavalos como humanos parecem ficar com sede em um dia quente, mas em cavalos devemos chamar isso de “necessidade de água” porque não está claro se eles sentem alguma coisa. Surge assim a questão de como o cavalo decide que precisa beber, se não por sinais de desidratação dentro de seu próprio organismo. O corpo do cavalo detecta alterações internas e envia informações para o hipotálamo, que monitora a concentração de sódio no sangue. Se esse nível se elevar acima de um determinado limite, o sangue fica muito salgado, e o cérebro provoca um forte desejo de engolir água. Os desejos funcionam porque são sentidos. O cavalo será irresistivelmente atraído para um rio ou bebedouro. Esse sistema de detecção é um dos mais antigos a vigorar e é essencialmente o mesmo em muitas espécies, inclusive a nossa. Alguém realmente acredita que depois de uma longa viagem pelo deserto o cavaleiro se sente diferente de seu cavalo em relação à água?

Sou totalmente a favor de falar em cavalos sedentos e ratos medrosos com base no comportamento deles e nas circunstâncias em que ele se dá, ao mesmo tempo que percebo que não posso sentir o que eles sentem — só posso conjecturar. A meu ver, essa situação não é muito diferente daquela que concerne às emoções humanas. Quando se trata de sentimentos, tudo o que sei com certeza é o que eu mesmo sinto, e ainda assim desconfio de minhas impressões, considerando o quanto sou



propenso a pensamentos desejanter, negação, memória seletiva, dissonância cognitiva e outras artimanhas mentais. A maioria de nós não é como o romancista francês Marcel Proust, que analisava sem parar seus próprios sentimentos e ficou intimamente familiarizado com eles. Mas até Proust concluiu (sobre uma companheira romântica que seu protagonista não amava mais, até que ela morreu e ele percebeu que ainda a amava): “Eu estava enganado em pensar que podia ver claramente em meu próprio coração”.<sup>4</sup> Ele não podia porque o coração muitas vezes conhece melhor do que a mente o que sentimos. Percebo que essa é uma visão nada científica do coração, e talvez seja melhor se referir ao corpo como um todo, mas é inegável que temos dificuldade em penetrar em nossa própria vida emocional. Mas isso não nos impede de dissecá-la e discuti-la o tempo todo, gastando toneladas de palavras imprecisas num tema muito escorregadio, o que faz com que a timidez da ciência a respeito das emoções animais pareça ainda mais desproporcional.

## **Olho por olho**

A ciência costuma comparar símios adultos com crianças, como em “O chimpanzé tem a mente de uma criança de quatro anos”. Eu nunca sei o que fazer com declarações desse tipo, apesar de achar impossível olhar para um chimpanzé adulto como uma criança. Um macho está interessado em poder e sexo, e preparado para matar por isso. Se ele ocupa um lugar alto na hierarquia, pode adotar um papel de liderança que inclui manter a ordem e defender os mais fracos. Os machos engajados em lutas pelo poder às vezes têm uma expressão permanente de cenho franzido que sugere agitação interior, e são conhecidos por terem altos níveis de estresse. Por outro lado, uma fêmea de símio está interessada principalmente em seus filhos e nos deveres que vêm com a



maternidade, como ter tempo para cuidar deles, encontrar comida e deter predadores e membros agressivos de sua própria espécie. Ela também trabalha todos os dias em seus relacionamentos, catando os amigos, consolando-os depois de revoltas e vigiando os filhotes deles, se necessário. Desse modo, a vida dos símios adultos está muito centrada nas preocupações dos adultos, e eles têm pouco a ver com a despreocupação de uma criança.

Símios jovens brigam por comida e batem uns nos outros gritando muito, enquanto os adultos pedem e compartilham educadamente, às vezes revezando-se, enquanto trocam comida por serviços recebidos no início do dia. Sob esse aspecto, a melhor comparação é também entre jovens símios e jovens humanos, ou adultos símios e adultos humanos. Isso é importante em relação às emoções, porque algumas são típicas dos adultos, especialmente aquelas que exigem maior avaliação do tempo que as encontradas nos jovens. Os jovens vivem no momento, os adultos, não. Algumas emoções estão voltadas para o futuro, como esperança e preocupação, enquanto outras se relacionam com o passado, como vingança, perdão e gratidão. Todas essas “emoções cronológicas”, como gosto de chamá-las, parecem estar presentes em símios adultos e também em alguns outros animais.

Nos chimpanzés, compartilhar comida faz parte de uma economia de dar e receber que inclui catação, sexo, apoio em brigas e outros tipos de ajuda. Todos esses favores são jogados numa grande cesta de trocas amarrada pela emoção da gratidão. A gratidão funciona para manter os balancetes das trocas: faz com que os indivíduos procurem aqueles que foram bons para eles e, se a ocasião surgir, retribuam os favores. Com base em milhares de observações, descobrimos que os chimpanzés compartilham alimentos especificamente com aqueles que foram gentis com eles no passado. Todas as manhãs, quando se reúnem na estrutura de escalar para cuidar pacientemente dos pelos uns dos outros,



anotamos quem cata quem. Na parte da tarde, fornecemos comida compartilhável, como algumas melancias grandes. Os donos da fruta permitem que quem os catou retire pedaços de suas mãos ou da sua boca, mas não os indivíduos com os quais não conseguiram interagir pela manhã; eles podem resistir a estes últimos e, às vezes, até ameaçá-los. Desse modo, os padrões de compartilhamento mudam de um dia para o outro, dependendo da distribuição da catação anterior. Como o intervalo de tempo entre os dois eventos é de várias horas, o compartilhamento requer memória de encontros passados e sentimentos positivos em relação aos serviços usufruídos. Conhecemos essa combinação como gratidão.<sup>5</sup>

Mark Twain uma vez brincou: “Se você pegar um cachorro faminto e torná-lo próspero, ele não o morderá. Esta é a principal diferença entre um cão e um homem”. Em minha casa, animais perdidos adotados sempre foram muito gratos pelo calor e comida que oferecemos. Um gatinho esquelético cheio de moscas, apanhado em San Diego, cresceu e se transformou num lindo gato chamado Diego. Ele ronronava excessivamente durante toda a sua longa vida de quinze anos sempre que era alimentado, mesmo quando mal comia. Interpretamos seu comportamento como gratidão, mas é difícil excluir a mera felicidade. Diego talvez gostasse mais de comida do que a média dos animais de estimação mimados.

Nos símios, os sinais de gratidão podem ser mais óbvios. Dois chimpanzés tinham ficado trancados fora de seu abrigo durante uma tempestade. Wolfgang Köhler, o pioneiro alemão dos estudos sobre uso de ferramentas, passou por ali e encontrou os dois encharcados, tremendo na chuva. Ele abriu a porta para eles. Em vez de se apressarem para entrar na área seca, os chimpanzés abraçaram o professor num frenesi de satisfação.<sup>6</sup>



A reação deles se assemelha à de Wounda, uma fêmea de chimpanzé que havia sido resgatada de caçadores ilegais, às portas da morte, e recebeu assistência médica no Centro de Reabilitação Tchimpounga, no Congo-Brazzaville. Em 2013, ela foi liberada para voltar à floresta. Um vídeo desse momento viralizou pela interação emocional entre Wounda e Jane Goodall, que participou da soltura. De início, Wounda se afastou, mas depois voltou apressadamente para abraçar as pessoas que cuidaram dela. Voltou especificamente até Jane Goodall para um longo abraço mútuo antes de partir. Isso foi notável, porque Wounda primeiro pegou um caminho, depois pareceu se corrigir e voltar, como se percebesse que não seria muito legal simplesmente se afastar daqueles que a salvaram e cuidaram de restaurar sua saúde.<sup>7</sup>

Há relatos semelhantes sobre golfinhos e baleias presos em rede ou encalhados que foram libertados por mergulhadores humanos que os soltaram de redes ou empurraram de volta para o oceano. Os cetáceos voltaram até seus salvadores e os cutucaram ou se ergueram fora da água antes de nadar para longe. Em todos os casos, os seres humanos presentes, profundamente comovidos, viram essas interações como sinais de gratidão.

Eu já mencionei como Kuif, a melhor amiga de Mama, ficou tocada por eu ter-lhe ensinado como criar um bebê com mamadeira. A partir do momento em que lhe demos permissão para pegar Roosje, o bebê adotivo que colocamos nas palhas da jaula dela, Kuif me tratou como se eu fosse da família, algo que nunca havia feito antes. Considerei isso um sinal de gratidão por mudar sua vida para melhor, de mãe que havia perdido vários bebês pelo fracasso na lactação para alguém que criou Roosje com sucesso e mais tarde aplicou as mesmas habilidades com a mamadeira em seus próprios filhotes.

A irmã feia da gratidão é a vingança, emoção igualmente preocupada com o acerto de contas, mas num sentido negativo. Edvard



Westermarck, antropólogo finlandês que nos deu as primeiras ideias sobre a evolução da moral humana, enfatizou o valor da desforra para manter as pessoas na linha. Ele não achava que éramos a única espécie com essa tendência, mas em sua época havia poucas pesquisas sobre comportamento animal. Então ele se baseou em relatos interessantes, como aquele que ouviu no Marrocos sobre um camelo que havia sido extremamente espancado por um garoto de catorze anos por se virar na direção errada. O animal recebeu passivamente sua punição, mas alguns dias depois, quando estava sem carga e sozinho na estrada com o mesmo condutor, ele “agarrou a cabeça do menino infeliz com sua boca monstruosa, o levantou no ar e o atirou de novo no chão com a parte superior do crânio completamente arrancada e o cérebro espalhado pelo chão”.<sup>8</sup> Histórias de animais ressentidos podem ser ouvidas em zoológicos, geralmente em relação a elefantes (com sua memória proverbial) e símios. Todo novo estudante ou tratador que trabalhe com símios precisa ser informado de que não escapará se os importunar ou insultar. Um símio insultado não esquece e esperará o quanto for necessário pela oportunidade de acertar as contas. Às vezes não demora muito. Um dia, uma mulher foi à recepção de um zoológico onde trabalhei para reclamar que seu filho fora atingido por uma pedra vinda dos chimpanzés. Porém, o filho estava surpreendentemente calado. Mais tarde, testemunhas nos disseram que ele jogara a mesma pedra primeiro.

Os chimpanzés também retaliasam entre si. Apoiam um ao outro em brigas, seguindo a regra de que um bom favor merece outro; experimentos confirmaram essa tendência. Tendo chance, muitos animais estão dispostos a fazer um favor para o parceiro, como puxar uma alavanca ou selecionar um símbolo que renda comida. Eles o fazem em nível moderado, desde que o parceiro seja um receptor passivo, mas aumentam muito sua generosidade quando o parceiro pode retribuir o